

FEVEREIRO

1986

Careta

NÚMERO

216

ANO

XLVII

TRÊS CRUZEIROS 21.600 O BRASIL



3

CRUZEIROS

WALL STREET CARIOCA

— A publicação é de propriedade da Editora Caratômetro.

— A publicação é de propriedade da Editora Caratômetro.

— A publicação é de propriedade da Editora Caratômetro, com um volume por ano.



PROTEJA SUA CÚTIS!

Antisardina é o crême ideal para sua cútis. Renova as células gastas, protege as células novas restituindo à pele cansada ou prematuramente envelhecida, sua normal elasticidade. Cientificamente preparado com ingredientes rigorosamente selecionados, o crême de beleza Antisardina extingue sardas, manchas,  pinhas e rugas.

Antisardina



JORGE SCHMIDT
Fundador

Careta

ROBERTO SCHMIDT
Diretor responsável

GERÊNCIA,
REDAÇÃO E OFICINAS
RUA FREI CANECA, 383
Rio de Janeiro
END. TEL. KOSMOS
TELEFÔNIO 32-3721

Este número contém 44 páginas

NÃO terão passado despercebidos dos leitores desta revista os efeitos da censura a que esteve ela submetida cerca de dois meses.

Durante esse tempo foi-nos vedado publicar qualquer crítica ou comentário sobre:

1) Fraudes ocorridas nas últimas eleições presidenciais, em consequência da recusa da maioria parlamentar de reformar a lei eleitoral de modo a fazer o expurgo do eleitorado analfabeto;

2) Consequente ilegalidade do pleito e de seus resultados inconfessáveis;

3) Ilegalidade do golpe de traição de 11 de Novembro;

4) Ilegalidade do monstruoso golpe de 23 de Novembro;

5) Ilegalidade das torvas medidas rotadas pelo nauseante parlamento nacional;

6) Ilegalidade do governo de Neu Quisling Ramos;

7) A miserável atitude do Correio da Manhã, Última Hora, Diário Carioca e de outros pasquins da sórdida imprensa brasileira;

8) A indefensável atitude de um grupo de militares ambiciosos e falhos de patriotismo, autores dos golpes de Novembro etc.

A bem da verdade, da honestidade profissional — prendas que fazemos a mais fechada questão de manter — declaramos que "Careta" não sofreu qualquer violência outra além daquela que se originou da proibição da livre crítica dos assuntos antes mencionados. Encontrou até certa compreensão e boa vontade de parte do coronel Sabrosa, um dos chefes da censura, e do censor sr. Aluizio, com quem nos entendemos o melhor que era possível nas circunstâncias ocorrentes.

Isto posto, vamos aproveitar-nos da precária suspensão da censura para por em dia certas contas que temos com os atuais dominadores do Poder.

No que respeita os dois primeiros itens da lista atrás fixada, o das

LOOPING the LOOP

LIBERDADE PRECÁRIA

fraudes ocorridas nas eleições de Outubro pretérito, reproduzimos o que a respeito publicamos no n.º 2.455, de 16 de Julho de 1955:

A Recente resolução da maioria da Câmara votando contra o projeto de reforma da lei eleitoral, projeto feito no sentido de moralizar aquela lei, escoimando-a das numerosas possibilidades de fraude, nela impudentemente introduzidas por Agamenon Magalhães, seu autor, para servir ao seu pretenso beneficiário Getúlio Vargas, valeu por cabal confissão de canalhice e descaramento.

Quando em 1945 nos insurgimos contra a torva lei eleitoral, nascida de notório conúbio imoral, não faltaram fanáticos que nos escrevessem para protestar contra o que então qualificaram de irritante má vontade, de intolerável oposição por sistema.

Nós, porém, habituados como estamos a esse gênero de protesto, persistimos afirmando que a lei eleitoral em tela, concebida por um dos políticos mais trampolineiros que já houve nesta terra, serviria apenas para anular a conquista do voto secreto, dando aos detentores do Poder plena margem de vitória em todos os pleitos que se fizessem sob a sua égide.

Foi precisamente isso que sucedeu em 1945, quando foi eleito o general Gaspar Dutra presidente da República; foi igualmente isso que aconteceu em 1950, ao voltar ao Poder o sr. Getúlio Vargas; será também isso que acontecerá em 1955, caso as

eleições se venham a processar sob o seu comando.

Processadas as eleições, publicamos no número 2.468, de 15 de Outubro, às páginas 21 a 24:

AS ELEIÇÕES

Mais uma farsa, uma palhaçada, uma prescapada eleitoral teve lugar, no dia 3 deste mês de Outubro, no Brasil.

Funcionaram as urnas para coonestar a imposição do sr. Juscelino Kubitschek à Nação, por parte da "societas sceleris" que, montada numa lei eleitoral imoral, manobra, a seu talante e conveniência, a sórdida política nacional.

Não importa que nestas primeiras apurações venha o sr. Ademar de Barros na frente do sr. Juscelino Kubitschek. Isso é devido ao fato de se estar apurando, em primeiro lugar, as capitais e São Paulo, sítios onde a fraude não pode ser exercida à discrição. Quando os fantásticos resultados do Interior começarem a aparecer, ver-se-á quem vencerá...

Poucos dias antes das eleições, três ou quatro dias mais ou menos, vimos Carlos Lacerda exhibir, na televisão, títulos eleitorais do Estado do Rio de Janeiro, portadores da assinatura de juiz, sem que neles constassem os nomes dos eleitores!

Para aqueles que ainda possam ter dúvida quanto à imoralidade que cerca os pleitos eleitorais nesta terra, bastará lembrar o que sucedeu recentemente no Maranhão, quando da eleição senatorial. O sr. Chatô, paraibano que nunca se havia até então perdido naquele Estado, com dinheiro que dizem da Shell e a ajuda, dizem que comprada, do sr. Victorino Freire, se fez eleger senador por aquele Estado, num pleito imoral e furtado, no qual cidades, vilas e lugarejos houve que concentraram no político nordestino mais votos do que o número de eleitores da localidade!...

(Continúa na pág. seguinte)

Evohé!



- A Deolinda? Ela me "passou o bolo".
- E' natural que te façam de palhaço nesta época de carnaval!

Isto é fato público e notório, gloriado por jornais e revistas. Como confiar, pois, numa burla dessas, para participar de tal farsa?

Nós de "Caretta", por exemplo, votamos em branco. Não nos caberá, portanto, responsabilidade alguma quanto aos malefícios que com cer-

teza vão desabar sobre o país, em consequência das últimas eleições.

"Caretta" foi o primeiro órgão de publicidade a preconizar um governo de força com... te por... termo ao descalabro material e moral que domina este país. Numerosas



VAI SER MÃE?

DELIVRANCINA

MEDICAMENTO DAS PARTURIENTES PREPARA O ORGANISMO PARA UM PARTO FELIZ EVITA O ABORTO, VÔMITOS, ENJOOS, CANSAÇOS SEU USO É PROVIDENCIAL DURANTE TODA A GRAVIDEZ FARMACIA SIMÕES RUA MATOSO 33 — RIO

ENVIAMOS PELO REEMBOLSO POSTAL

Caretta

foram as vezes que publicamos, nesta página, inclusive na do n.º 2.466, de 1.º de Outubro de 1955:

A implantação da ditadura no Brasil é fatalidade da qual nos não livraremos. Mais cedo ou mais tarde tê-la-emos aqui estabelecida, como consequência do descalabro moral, social, econômico, financeiro, administrativo e político a que chegamos. Se ela não for implantada agora, sob a égide e o controle de um grupo de brasileiros honestos e capazes, sã-lo-á mais tarde, resultante da decadência geral do país e do desespero da massa incitada, exacerbada pelos assaltos da propaganda extremista.

A debacle moral e material do Brasil é por demais considerável para que possa ser corrigida mediante medidas legais, lógicas e inoperantes. Há um mundo de crimes praticados contra a Nação precisando ser apurados para a responsabilização dos seus autores. Os autores da maior parte desses crimes sentam-se nas poltronas dos Palácios dos Governos; nas dos Gabinetes Ministeriais; nas das duas Casas do Parlamento Nacional; nas das Câmaras Municipais; nas dos Tribunais de Justiça; nas dos Bancos Oficiais; nas das Autarquias etc.

Também se sentam nas cadeiras das redações de certos jornais e revistas, cujo notável progresso material promana de empréstimos políticos nos Bancos do Governo, nas Caixas Econômicas e nas subvenções recebidas de ministérios e autarquias, preço do silêncio e da convivência no crime, pago com o dinheiro do povo. Ainda agora um desses pasquins recebeu da mão beijada um canal de televisão.

Democracia brasileira! Democratas brasileiros! Que grande choldra! E que farsantes!...

Por causa desse artigo publicamos, no n.º 2.476, de 10 de Dezembro próximo passado:

Se órgão da imprensa existe nesta terra que não tem direito a protestar ou rebelar-se contra o golpe militar do dia 11 de Novembro pretérito, esse órgão é, sem dúvida, esta revista.

De há longo tempo vinhamos pregando a urgente necessidade de mudar de rumo, pois chegáramos à conclusão de que um dos grandes males, senão o maior de todos, que flagela esta república de opereta, é precisamente essa gozada democracia de "águias" e "tubarões".

Democracia igual à que floresce neste canto da América Latina não pode ser levada a sério. Como estimar, com efeito, um regime em que os chamados representantes do povo

se conluíam com o fito de engazupar a nação?

Provas a respeito do que acabamos de escrever são numerosas e diárias. Vejamos, somente, duas ou três, das mais irrecusáveis:

As eleições que se processaram sob o égide da atual lei e alistamento eleitorais, foram tôdas fraudulentas. Levado ao Parlamento, pela Justiça Eleitoral, um projeto de reforma dessa lei, no sentido de escoimá-la das imensas possibilidades de fraude que propositalmente ela encerra, que fez o Congresso? Votou contra a medida sancionadora, e, em substituição àquela norma séria, qual seria a do projeto de reforma, vota um substitutivo qual foi a cédula única. E não adiantaram protestos nem ameaças nem exorções. Os próprios autores da façanha votaram leis cominando penas severas contra aqueles que, se rebelando contra a esperteza, se eximissem de votar. E agora, depois disso, vêm para cá com essa papa de democracia, de candidato legalmente eleito e outras figuras de retórica que, nesta impagável terra, não formam sentido, não são sérias, não têm valor.

Outros casos igualmente curiosos, e que vêm em abono do tema que defendemos, é o das reformas das secretarias e o do aumento do subsídio, pro domo sua, fatos de que não há quem se não recorde, por serem de ontem.

Poderíamos, se quiséssemos, publicar uma lista que encheria todo o espaço disponível desta edição, sem que, com isso, a série ficasse esgotada.

Portanto, o jeito era esse mesmo que se tomou. Perguntar-nos-ão os leitores se nós, de "Caretta", concordamos com os acontecimentos ocorrentes de 11 de Novembro para cá. Responder-lhes-emos que ainda não é o caso, porque a obra, como está, não ficou completa. Estamos aguardando as medidas complementares, de que o Brasil necessita, para aderirmos ou não ao golpe.

Ficamos, pois, assuntando, a ver se o trem vai ou não até o fim da linha; porque isso de tomar passagem numa composição ferroviária de longo percurso para ficar no meio da estrada, sem recursos e sem condução, é combuca em que macacos velhos, como nós, não metem as mãos...

♦ ♦ ♦

Desgraçadamente o golpe de 11 de Novembro não era aquele de que o Brasil precisava. Foi o de um grupo de militares ambiciosos sob a fragilíssima e hipócrita desculpa, de "retorno aos quadros constitucionais vigentes..."

Seu principal autor, o general Lott, sabe-se hoje, agiu de má fé desde o princípio: quando afirmou, sob palavra de honra, ao seu substituto, general Fiuza de Castro, que as tropas em movimento na Vila Militar não marchavam contra o governo; e quando aceitou sua permanência na pasta da Guerra, cubigada prêmio às suas felenias.

♦ ♦ ♦

Que coisa se poderá pensar de um monstruoso congresso de leprosos morais, que votou tanta infâmia quanta a que foi aprovada nos tenebrosos dias de Novembro último? Que outra coisa podem desejar os indivíduos dignos deste país, senão ver fechados aqueles dois antros de capadócios?

Qual o congresso do Mundo que, após haver ilegalmente votado a degola de dois presidentes legalmente constituídos, elege um Quisling para o Poder e vota, sob a ameaça da espada, o estado de sitio e o aumento do sôldo dos militares, e não fica total e definitivamente desmoralizado no conceito da Nação e do Mundo?

O Congresso brasileiro morreu. Suicidou-se...

♦ ♦ ♦

Sendo essencialmente ilegal o governo quisling do sr. Nereu Ramos, não podia dar posse legal ao candidato ilegalmente eleito pela fraude eleitoral, maxime sob estado de sitio.

Portanto, a posse dos srs. Juscelino e Jango também foi ilegal, como ilegal foram todos os atos que precederam sua posse e aqueles que a ela se seguirem. Veja-se o voto do ministro Nelson Hungria no mandado de segurança do sr. Café Filho. Trata-se, pois, queiram ou não os interessados na permanência dos dois no Poder, de um governo de fato e não de direito.

Dêle não esperamos nenhum benefício para o país, senão muitos e atrozes malefícios. Essa convicção se firma nas vidas pregressas de quase todos os atuais detentores do Poder; na gravíssima situação que o Brasil atravessa; e na mediocridade de ministério de incapazes e negociistas.

Leia-se o discurso de posse do atual ministro da Educação e Cultura.

Ninguém se admire, portanto, se a censura à imprensa fôr restabelecida. Ninguém se admire se uma bela manhã acordarmos com novo golpe militar. Tudo é possível em países anarquizados.

Bob.

PREVENDO O FUTURO

André Gide vendeu, certa ocasião, parte importante de sua biblioteca. Diversos escritores ficaram muito aborrecidos ao saber que grande número de livros com dedicatória por eles assinadas fez parte do lote.

Algumas semanas mais tarde, Henri Régnier publicou novo romance. No exemplar destinado a Gide, escreveu:

"Ao senhor André Gide, esta modesta contribuição à sua próxima venda aos 'sebos'..."

♦ ♦ ♦

*Agora
Sim!*



ÁGUA COLGATE

para depois
de barbear

**PERFUMA
REFRESCA
TONIFICA**



**Use também CREME DE
BARBEAR COLGATE**

Considerações de um resfriado

S E alguma profissão há que me inspire respeito profundo é a de médico. Não posso compreender a razão por que os caricaturistas gostam tanto de cravar os alfinetes das suas sátiras nesses admiráveis sujeitos.

Para fazer traça dos esculápios é preciso não só estar completamente bom de saúde como ter certeza absoluta de que nunca se ficará enfermo. Porque a verdade é que a gente, logo que adocece, a primeira pessoa por quem chama, com ansiedade incontida, é pelo médico. Talvez não seja bem porque se acredite que ele nos vá curar infalivelmente, mas, pelo menos, para ter alguém com quem falar das nossas dores. O novo rico tem tendência para comentar sua riqueza; o que faz viagens sente a necessidade de falar no que viu nas suas andanças pelo Mundo; os que urdem poesia gostam de a ler

aos outros; mas nenhuma destas solicitações é tão irresistível como a que produz o descobrimento de que temos um estômago, um fígado, um miocárdio, um peritônio e um jejuno-íleon. Regra geral ignoramos ser donos dessas peças do nosso organismo, até o dia em que elas começam a funcionar mal. Ao sentirmos uma dor, perguntamos: "Por que me doi aqui?" E queremos que alguém não-lo explique. Nesta altura aparece o médico. Claro que isto é, apenas, um costume, que se segue por rotina, porque a verdade é que não é absolutamente necessário que o homem que entra no nosso quarto a sacudir o termômetro tenha estudado a difícil ciência. Em rigor seria suficiente que dispusesse de certa desenvoltura para falar do que temos junto de nós, ainda que, para isso, tivesse que inventar. E, se não, o leitor faça a prova. Aproxime-se de um doente, examine-o com gravidade e diga, com ar definitivo:

— O que o senhor tem é uma trifúrcia vascular.

O homem faz uma cara triste e pergunta:

— Que é isso?

Responda-lhe apenas:

— Um gânglio!

... E verá que o homem não torna a piar. A partir daquele instante, porém, passa a querer conversar com toda gente acerca da sua trifúrcia e do seu gânglio. Os amigos fogem dele; os familiares estão, naturalmente, impossibilitados de fazer o mesmo, mas a verdade é que já não podem agüentar horas seguidas, um dia e outro, o mesmo diálogo sobre o mesmo tema tão difícil como monótono. Tudo quanto encontram para dizer é: "Vais ver que isso não é nada!" E inventam, a seguir, a história piedosa de dois ou três conhecidos que sofreram de uma trifúrcia muito pior e que se puseram finos num instante. Claro que isto é pouco. Mas não está ao alcance de qualquer fazer mais. O médico vai junto de nós para isso mesmo. E até quando não fala, nos está o fazer

bem, porque, ao percutir, ao tomar o pulso, ao franzir o sobrolho, ou ao sorrir, nos revela que se pôs em comunicação direta com o que de misterioso e de terrível temos nas nossas entranhas. A ninguém queremos mais na vida do que às pessoas que se ocupam de nós e, principalmente, às que se preocupam com os nossos órgãos ocultos. Dizemos sempre, com a mais orgulhosa das nossas satisfações, que o famoso especialista X conhece o nosso pâncreas e o nosso cólon como se os tivesse dado à luz.

Tenho verificado que entre os médicos há mais homens inteligentes do que em qualquer outra profissão. Sou incapaz de explicar por que; registro, apenas, o fenómeno. Um dos médicos mais afamados da Europa dizia-me um dia:

— A nós, médicos, se deve a invenção mais importante da Humanidade. Inventamos as doenças e fazêmo-las aparecer e desaparecer segundo a nossa vontade. Dantes, o número de mulheres histéricas era limitado. Quantas há agora? Dantes a enxaqueca atacava, furiosamente, o nosso semelhante. Quem cai, hoje, no ridículo de sofrer de uma enxaqueca? No primeiro quartel deste século o que não providenciasses no sentido de que o apêndice lhe fôsse cortado não passava de um pobre-diabo. Atualmente cortam-se as amígdalas.

Axel Munthe fala da invenção do colite e não sei se as pessoas se dão conta da importância deste género de invenções. Mas bastar-lhes-á, talvez, pensar que se não fôsssem elas, essas invenções, não havia doenças curáveis. As outras enfermidades, — há algumas — as que a Natureza impõe, nunca se curam e seguem o seu curso normal até o fim. Pelo contrário, as doenças inventadas pelos médicos costumam ser brilhantemente curadas pelos próprios médicos, e se alguma vez alguém morre delas é para acreditar nelas, ou porque o médico se descuidou, atrasando demasiado o momento de dizer ao cliente que já estava bom e que podia

Todos os dias



devemos escovar os dentes e tomar 1 comprimido de Anti-Cárie Xavier. Este é o método científico e eficiente de cuidar dos dentes e evitar a terrível cárie.



**ANTI-CÁRIE
XAVIER**

A BASE
DE
CÁLCIO
E FLUOR

Moderna medicação preventiva da cárie dentária e recalcificante do organismo

Careta

... fazer a sua vida normal, da mesma forma que uma cozinheira pode converter em carvão um manjar delicioso por o ter deixado estar demasiado tempo no fogo, o que não quer dizer que os manjares não se devam levar ao fogo.

Que horrível seria a vida se os médicos não tivessem inventado estas doenças e se soubéssemos que nenhuma tinha cura!

A excelente disposição com que as pessoas acolhem estas consoladoras ficções está demonstrada pela nossa voluntária cegueira ante a atitude sãna que a Natureza adota diante da Medicina. A Natureza não gosta da Medicina, como não gosta de nenhuma das correções que opomos à sua ação. Mas não adota, neste caso, uma atitude indignada. Limita-se a sorrir, talvez por compaixão, talvez porque sabe que é dela a vitória final, aí, sem que nada lhe cause obstáculos, porque nunca aconteceu um homem resistir à hora que ela lhe fixou para morrer. A Natureza, então, diz-nos, zombeteiramente, assim:

— Que é isso? Julgas ter ao teu serviço uma ciência para te curar enfermidades graves em ordens essenciais? Pois bem: Toma lá uma doenzazinha sem importância e cura-a...

E manda-nos uma camada de frieiras ou um resfriado. Uma camada de frieiras é uma coizinha tão insignificante que a gente percebe logo que a Natureza não quis causar-nos prejuízo grave, mas apenas chuchar com a gente. Quanto ao resfriado — que interesse pode ter a Natureza em ter uma mulher bonita ou um esforçado varão a espirrar durante vários dias? O espirro é ridículo senão quando quer administrar-nos uma lição indulgente. Dá aos homens as frieiras e os resfriados e propõe, contendo uma gargalhada:

— Vá, curem lá isso...

E assim chegamos ao fracasso unânime. Ninguém, desde que o Mundo à Mundo, conseguiu curar um resfriado antes dêle terminar em data previamente marcada pela Natureza. É certo que abundam as receitas e as pessoas que afirmam tê-las usado com êxito. Estas, porém, são vítimas

de alucinações. O que acontece é isto:

Primeiro dia — O homem murmura: "Parece que apanhei um resfriado."

Segundo dia — O homem afirma: "Mas que grande resfriado apanhei!"

Terceiro dia — O homem está inteiramente dedicado a encontrar uma resposta para esta pergunta absolutamente inútil: "Mas onde foi que apanhei este resfriado?"

Quarto dia — O homem encontra um amigo que, ao vê-lo com chafarizes no nariz, lhe garante ter curado um resfriado semelhante com os comprimidos H ou os sinapismos B e prontifica-se a mandar-lhe a receita.

Quinto dia — Chega a receita.

Sexto dia — O homem compra os comprimidos e os sinapismos.

Sétimo dia — O homem experimenta alívio. Mas é porque o resfriado evoluiu, naturalmente, para a cura.

E' a altura de o homem exclamar:

— Não há dúvida de que este remédio me está a fazer bem!

Simplesmente — se não o tivesse tomado, ou aplicado, melhorava na mesma.

A partidinha da Natureza duraria, até, mais tempo, se ela não precisasse, ao chegar a Primavera, da cor vermelha para as flôres e não a quisesse desperdiçar na ponta dos nossos narizes. Então, faz desaparecer espontaneamente as frieiras e os resfriados e é como se nos dissesse:

— Pois se não consegues curar-te de coisas tão pequenas, como pretendes ter o remédio para as doenças graves?

♦ ♦ ♦

PILULAS FILOSÓFICAS

Quando o egoísmo chega a felicidade vai-se embora.

J. Lelouch

♦

A imortalidade do gênio é uma segunda existência vivida através do pensamento humano.

Sérgio Trémont

combate a calvície e a queda dos cabelos

EXTRA PARA OS Cabelos brancos SO LOÇÃO CAMELLA DO BRASIL

CAIXA POSTAL 5437
RIO DE JANEIRO

PERFUMARIA FLORAMÉLIA LTDA.
Rua Francisco Manoel, 273 — Telefone 29-0867

18-2-1956

Mulher ciumenta



- Quería que você trabalhasse no Comitê de ajuda à Estônia.
- Você está louco? Quem é que vai convencer à minha mulher de que essa Estônia não veste saias?!

INDÍCIO

Juquinha perdeu-se de sua mãe. Procurou-a em vão no meio da multidão e acabou aproximando-se de um guarda, a quem perguntou timidamente:

— Por favor, senhor, pode informar se não viu por aí uma senhora sem mim?



Careta

XENIO

NÃO preciso justificar a predileção que tenho pelas palavras gregas. Esta não é, aliás, difícil de interpretar, porque representa o oposto do sentimento que violentamente manifestam os chineses, nossos antípodas. Na China, o ódio ao estrangeiro é a regra. No Brasil, o amor ao estrangeiro é a praxe. Já um russo, me confessou certa vez, encantado, que o Brasil é o país excepcional onde o estrangeiro goza de mais regalias do que o nacional.

A despeito de existirem várias explicações, nenhuma explica satisfatoriamente o motivo desta nossa franqueza.

Há um pequeno conto de Eça de Queiroz onde o autor pretende demonstrar que o vulto dos acontecimentos decresce na razão direta do quadrado da distância. Era um serão em família, na província. Liam-se os jornais. A notícia de um grande naufrágio e de um enorme incêndio, com muitas vítimas, foi acolhida friamente. Nisto chega uma pessoa e conta que D. Fulana, vizinha da família, torcera fortemente o pé. Houve grande reboliço entre as senhoras e agitação entre os homens presentes.

A tese do romancista português não ficaria demonstrada no Brasil. Aqui o vulto dos acontecimentos decresce na razão inversa do quadrado da distância.

Acabo de ler os comentários de uma folha acerca do fato de pretender um grupo de senhoras brasileiras angariar donativos para as famílias de alguns aviadores estrangeiros desaparecidos, ao passo que a subscrição para os nordestinos famintos, tem-se arrastado molemente, recebendo de quando em vez o contingente de uns magros cruzeiros.

O rótulo de nacional, aplicado

FILIA

so que quer que seja, sapato, ópera ou vítima de enchente, desvaloriza a coisa ou a pessoa. Toda gente sabe que o café brasileiro é crismado lá fora, ocultando-se a sua verdadeira procedência. É lícito supor que a manobra seja nossa e não daqueles que nos compram o café. A nossa própria natureza já começou a ser debochada sob o epíteto de *Naturaliza*. São os outros, os estranhos, que se encarregam de dizer de nós as coisas boas; e a nossa desconfiança em nós mesmos é tal que, com frequência, pagamos adiantado o elogio.

O que torna mais grave o fenômeno do nosso auto-amesquiamento é o fato de ser ele acompanhado de xenofobia exagerada, tão exagerada como a xenofobia amarela. Nosso atraso, portanto, corre parrelhas com o atraso amarelo, parecendo oposto apenas pela circunstância da diferença de longitude.

Não pretendo acrescentar mais uma às explicações que já se tem procurado dar ao fenômeno. Parece-me, contudo, que contribui para ele o fato de ser a nossa vida civilizada apenas um tênue debum ao longo do litoral. Vivemos olhando para o oceano e de costas voltadas para o Brasil.

Há um meio de nos obrigar a olhar mais atentamente para ele, curando-nos talvez da nossa xenofilia mórbida. Esse meio já conta alguns adeptos entusiastas, entre os quais me inscrevo: a mudança da capital para o planalto central.

O amor não é simples impulso do instinto; é a ciência da alma, a mais divina e rara.

M. A. Vaz de Carvalho

A vidente:..

DONA Zilá, minha vizinha grã-fina, gênero alegre e membro da família Gilete (afiada e polida), é uma das criaturas mais interessantes deste mundo. Dona Zilá se distingue pelo seu caráter de admirável justiça e incomparável imparcialidade: ninguém escapa, de sorte que ninguém pode queixar-se.

Eu, a princípio, achava a vizi-

nha uma criatura impossível, porque ela, sem nos conhecer ao certo, falou mal de minhas cunhadas, da minha tia viuva, de minha sogra e de minha mulher, dizendo que esta, a que parecia mais séria, era a pior de todas. A família entendeu que eu devia tomar-lhe satisfação; mas é a tal coisa da imparcialidade. Como dona Zilá falou de todas, eu não podia punir apenas pela mulher, e a verdade sobre as cunhadas era tão exata que fiquei desarmado. Então disseram que eu estava de combinação com a vizinha e até

(Continúa na página 16)

Creme de Barbear COLGATE



PROTEGE
E AMACIA
A PELE!

Barbeie-se todos os dias sem irritar a pele, usando Creme de Barbear COLGATE. Contendo Glik, um novo ingrediente suavizante que realmente faz bem à pele, o Creme de Barbear COLGATE com sua espuma ativa e penetrante permite um barbear rápido e confortável.

EXPERIMENTE HOJE MESMO

Cr\$ 15,00

COMPLETE A BARBA COM AGUA COLGATE - AGRADÁVEL E REFRESCANTE!

10-2-1956

A vivenda do Romualdo

EU, que sempre tive muita dúvida quanto às possibilidades financeiras do meu amigo Romualdo, quando, o mês passado, veio convidar-me para assistir à inauguração da sua vivenda, numa praia não distante da cidade, caí das nuvens!

— Pois tens uma vivenda, Romualdo? — perguntei, admirado — Uma vivenda autêntica? Absolutamente tua?

— Como acabo de dizer-te, meu caro! Respondeu êle, abrindo-se num grande sorriso de satisfação. Mandada construir por mim. Era o sonho dourado da minha vida: a ambição máxima! Ter uma

casa nos arredores, onde pudesse gozar em descanso os meus fins-de-semana!

— Conta desde já com minha presença, brave Romualdo! No próximo domingo lá me terás! Irei sem falta!

No dia indicado, de roupa domingueira e barba escanhoada, lá fui de manhã cedo, tomar o ônibus que me transportou à vila escolhida pelo meu amigo para os seus futuros veraneios...

Por gentileza levei comigo uma lagosta, alguns bolos sortidos e uma garrafa de champanha, esta com um laçarote de sêda azul no gargalo, preparada para o momento solene. Como sou há muito furioso entusiasta das coisas do mar, pareceu-me interessante inaugurar a vivenda do Romualdo tal como se batiza um barco no momento do lançamento: partindo a garrafa numa das esquinas da casa.

Além daqueles comestíveis, levei ainda um gracioso azulejo, mandado fazer propositadamente, com os seguintes dizeres: "Vivenda Beira-Mar — de Romualdo Fernandes — 15-5-955".

— ♦ —

Longe de qualquer intuito depreciativo, convém todavia dizer que a vivenda do Romualdo — devido possivelmente a escassez de recursos — foi construída aos poucos, num ano uma parede, no ano seguinte outra, sempre dentro da mais restrita economia, para não desequilibrar demasiado o orçamento doméstico.

Além disso, o empreiteiro encarregado da obra tinha sido um homenzinho analfabeto, tacanho de físico mas de idéias *desenvolvidíssimas*... desses que souberam passar, nuns escassos anos, de pedreiros a milionários, com permanente risco para as vidas dos que têm de se acolher ao abrigo das suas artificiosas construções...

Chegado ao local do meu destino, onde Romualdo e a esposa já me aguardavam felizes, sorridentes, houve a habitual troca de cumprimentos e felicitações, após o que lhes dei conta do meu intento de inaugurar e batizar a vivenda, partindo num dos topos a garrafa de champanha.

Ora, eu estranhei, de fato, as expressões algo alarmadas dos dois, quando lhes expus tal propósito. No entanto, como desconhecia ainda donde poderia provir o desagrado, nada mais disse e entendi por bem calar-me com o assunto.

Uma vez chegados à vivenda, logo me dei pressa em procurar um camartelo, uma colher de pedreiro e algum cimento, para afixar o mosaico. Encontrei de fato as ferramentas e o material de que necessitava.



Amassou-se o cimento. Escolheu-se o melhor lugar na frontaria da casa. Veio um escadote. E eis-me sobre este, em mangas de camisa, disposto a proceder ao trabalho com todos os preceitos devidos.

Dei primeiramente algumas pancadas brandas na parede, a fim de abrir a necessária "caixa" para o azulejo. Verificando, porém, que estava um tanto endurecida, apliquei-lhe duas vezes com o canivete, em pancadas secas, rijas...

E lá se foi a frontaria por inteiro!

Caiu toda aquela parede duma vez, deixando-me empoleirado no escadote, boquiaberto, apavorado, enquanto Romualdo e a esposa se contorciam cá ao largo, aflitos, desorientados, ante aquele espetáculo tão desolador...

Senti imperiosa necessidade de lhes dizer qualquer coisa: Uma desculpa: uma palavra de amigo. Voltei-me a custo e, gaguejando, disse:

— Perdoa, Romualdo! Isto... tem conserto! Foi apenas... uma parede! Ainda aqui temos... mais três! Desculpa, sim!

Ele aproximou-se e, forçando um sorriso triste, nuns modos de gentileza, balbuciou:

— Não tem importância, homem; bate à tua vontade. Isso... era para cair um dia. O destino das casas é caírem... ou mais hoje ou mais amanhã, tanto faz.

— Obrigado, Romualdo amigo. E, visto que aconteceu assim, vou dar-te uma ideia... Ainda um dia me agradecerás. Manda envidraçar toda esta parte. Fica-te aqui uma excelente casa em estilo inglês... que vai ser a inveja das redondezas.

— ♦ —

Entregámo-nos depois à tarefa de retirar dali o entulho e escorar devidamente aquela parte da casa, o que nos consumiu duas longas horas.

Uma vez terminado este serviço, não quisemos deixar de proceder à inauguração e batismo da vivenda, tal como eu tinha planejado...

Com este intuito, foi pendurada no beiral duma das empenas da casa a garrafa de champanha, que ficou pendendo pela parede até à altura conveniente.

Em seguida pronunciei algumas palavras apropriadas para tais atos, palavras que Romualdo aplaudiu impressionado...

E, por fim, a esposa do meu amigo dispôs-se a quebrar solenemente a garrafa.

Aproximando-se, pegou-lhe com a mão trêmula, puxou-a até si e bateu com ela na parede, uma, duas, três, quatro vezes... e nada de partir-se. Parecia de ferro!

Então a boa senhora, já num princípio de desespero, lançou mão dum pedaço de barrote que ali estava caído, apontou com cuidado à resistente garrafa e, recorrendo a todas as suas forças, deu-lhe em cheio...

Tão em cheio... que o resto da vivenda tremeu e ruuiu, ante os nossos olhares angustiosos!

Assim foi abaixo o que restava da vivenda do Romualdo. Assim se quebrou pelo meio o pedaço de barrote utilizado no batismo. E só a garrafa de champanha ficou intacta entre o entulho, coberta de pó, ainda com o lacinho de fita azul atado em volta do gargalo!...

— ♦ —

AS MAIS CURIOSAS NOTÍCIAS

Los Angeles — Os recebedores de impostos foram advertidos por seu diretor geral, Sr. R. E. Bouck, para que se abstenham de qualquer manifestação de hilaridade "na repartição, nos corredores ou elevadores", a fim de não ferir a suscetibilidade dos contribuintes, aos quais se deve tratar de modo a se sentirem inclinados a sorrir quando forem pagar os impostos.

**Com ÓLEO DE LIMA penteado
Ele vive sempre encostado...**



Faça como o rapaz que sabe viver... use também ÓLEO DE LIMA, que é produto cientificamente preparado, sem goma nem gordura. ÓLEO DE LIMA amacia os cabelos sem empastar, facilitando o penteado.



ÓLEO DE LIMA

O psicólogo



- Nada disso, seu Oliveira. Os homens mais parecidos com as mulheres não são os efeminados.
- Então, quais são?
- São os curiosos...

PENTEADO ALINHADO?



**LOÇÃO
PHENOMENO**

TARRE

FORTIFICA OS CABELOS E ELIMINA A CASPA.

A vida grandiosa

A "Exposição dos Impressionistas", que se realiza atualmente no Museu de Orangerie, reuniu algumas das mais célebres telas de Augusto Renoir. Ao mesmo tempo apareceu a obra de Maurice Drucker sobre a vida e a obra daquele que Germain Bazin chamou de "o pai da alegria". Poucas biografias aliam documentação tão rica e tanta sensibilidade.

"No curso de sua narração passa e repassa a amável e inconstante sociedade do fim do século, cujos prazeres foram interrompidos por pouco tempo em consequência da capitulação de 1870... Que refletem os quadros de Renoir? Passeava-se nas ruas, bebia-se, dançava-se, os amigos se reuniam em alegres jantares, faziam-se tumultuosos pique-niques, nos quais os jovens se abraçavam e se beijavam, passeava-se de bote no Sena, as risadas espoucavam com champanha nos cafés-concôrto. A mocidade divertia-se à vontade sem pensar em coisa alguma... Por que as obras do pintor nos emocionam como evocação de seres que viveram e desapareceram ao passo que o mesmo assunto, pintado por tantos outros artistas, nos deixa insensíveis?..."

Como tantos outros artistas de gênio, esse "chantre de la avie" teve existência difícil. Sua

AMOR A QUANTO OBRIGAS !...

Roberto Feitosa compareceu ao Tribunal para se ver processar pelo furto de 7 bicicletas.

— Por que, em vez de viver furtando bicicletas, não procurou trabalho honesto? — Perguntou-lhe o juiz.

— Minha mulher não queria! — Respondeu o acusado, um rapagão corado, usando óculos de tartaruga.

— Como?... — Disse espantado o magistrado — Ela não queria? Não é possível.

— É a pura verdade: ela me dizia: "Roberto, és açougueiro honesto em tua terra... Que podes ganhar? Três ou quatro mil cruzeiros por mês. Se conseguires apoderar-te de três ou quatro bicicletas por semana, terás, vendendo-as, seis ou oito mil cruzeiros por semana. Que diferença, hein?"

— O senhor julgou os argumentos razoáveis? O acusado hesitou, depois falou:

— Não... certamente... mas eu amo minha mulher.

A esposa compareceu perante o juiz.

— Então — interrogou o magistrado — a senhora induziu seu marido ao furto?

de Renoir

adolescência, particularmente, desperdiçou-a em muitas ocupações, que foram outras tantas misérias. "Com a idade de treze anos — conta o próprio Augusto Renoir — tinha de ganhar a vida: entrei como aprendiz na fábrica de louças envernizadas de um cidadão abastado. Minha tarefa consistia em pintar, em fundo branco, pequenos ramos de flores, que me eram pagos a cinco sous a dúzia..."

Arruinado pela invenção da decoração impressa, o patrão viu-se obrigado a dispensar o aprendiz, que trabalhou algum tempo para seu irmão mais velho, gravador de medalhas. Em seguida passou a pintar leques e também assuntos religiosos sobre painéis destinados a missionários.

Maurice Drucker traça com fidelidade e emoção todas as fases da existência laboriosa e difícil do grande intérprete da vida do seu tempo. Não houve coisa alguma que prejudicasse a serenidade, a alegria, o entusiasmo de Augusto Renoir — nem a recusa de suas telas nem o sarcasmo dos críticos, nem mesmo o sofrimento físico dos últimos vinte anos de sua vida, que ele passou em grande parte imobilizado numa cadeira de rodas pelas crises dolorosas de reumatismo.

Pode dizer-se que Renoir teve vida grandiosa, porque assim ele a soube fazer.

— Não, senhor! — protestou ela — E' mentira, juro... A verdade é que ele não queria trabalhar... Não fazia nada e isso não podia continuar... Resolveu então furtar bicicletas e agora vem dizer que fui eu quem mandou. Tanto não fui, que até já requeri divórcio!

Feitosa não conteve um grito de cólera:

— Cretina... Mentirosa... Roubei por ti, por tua causa, a teu pedido e agora me acusas desavergonhadamente e me abandonas!...

Parece que não ouviu o juiz ler a sentença, condenando-o a dois anos de prisão com multa, e continuou a insultar a mulher:

— Canalha!... Hei-de encontrar-te e verás...

Com sorriso displicente, ela respondeu sem alterar-se:

— Não, jamais me encontrarás, pois em breve estaremos divorciados...

O condenado entregou-se ao pranto... Talvez ele se tivesse tornado ladrão por amor daquela mulher, que não se quis conformar com o revés da sorte, e o deixou sozinho na sinuca... Agora ele fica sabendo que quem vai atrás da conversa de certas mulheres é pacóvio...

FACA
Surgir a belera
DE SEU
ROSTO!



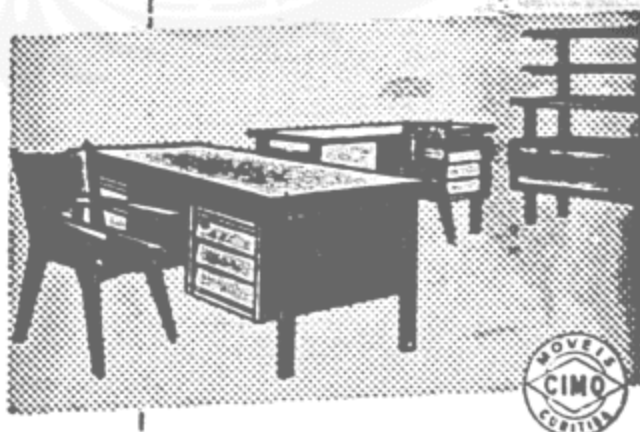
Contra manchas, espinhas, cravos e rugas. Previne o contágio de certas infecções.
Purifica e perfuma a pele.
Não deixe de aconselhar ao seu marido usa-la após a barba.

AGUA ANTISSEPTICA
Flôr de Tie

PERFUMARIA FLÔR DE TIE LTDA. - C. F. 4611 - Tel. 1146 - RIO
Pelo Correio Cr\$ 25,00

solicite o modelo 9.600!

COM PÉS DE FERRO



MÓVEIS CIMO

18-2-1956

TRICAS E FUTRICAS

Depois das longas agruras de um parto laborioso, o sr. Juscelino revelou afinal o seu ministério. E foi o parto da montanha! Tão demorada gestação, para um ministério tão mo-fino. O domínio total da mediocridade, sem uma única figura de relêvo para desenfatiar. Em compensação, para compor esse belo painel da mediocra-cia nacional, quatro remanescentes respeitáveis do mais amarelo getulismo: Nereu, na Justiça; Lúcio Meira, na Viação; Macedo Soares, no Exterior; Ernesto Dornelles, na Agricultura. Vitória póstumas de



Macedo Soares



Getúlio Vargas

Getúlio Vargas — além de outros.

O novo governo, ao que parece, vai caprichar nas comidas. O pano de amostra deu-nos, logo de entrada, o sr. Juscelino, com o fanigerado banquete da posse. Na hora mesma em que a "gororoba" doméstica anda-va mais cara, es-cassa e ruim, o novo Presidente importou ávida-mente dos Es-tados Unidos três



Juscelino Kubitschek

cozinheiros internacionais, além de grande partida de faisões, ostras, ca-viar, patê e vinhos finos. Resultado: o banquete do Itamarati foi suculen-to, memorável. E, depois, durante o resto do seu tempo de governo, como vão ser as comidas do sr. Juscelino:

O sr. Coimbra Bueno está radiante: o sr. Juscelino anunciou que mudará a Capital para o Planalto Central em

três meses. Quer dizer: vai lá, lança a pedra fundamental — e volta para o Rio...

Os baianos tanto brigaram por um ministério — de um lado a langüida ambição do sr. Balbino, do outro lado as sôfregas pretensões dos srs. Vieira de Melo e Ma-noel Novaes — que a Bahia acaba-ou sem minis-tro no governo!

Coitadinha da Bahia!



Antônio Balbino

O sr. Nereu Ramos, para nomear um Ministro do Supremo, mandou mensagem de úl-tima hora ao Se-nado e conseguiu dêste a sua apro-vação em sessão noturna, apressa-damente.



Nereu Ramos

Quanto pode a ilusão do Poder e o desejo frenê-tico de nomear! Afinal, o único pre-judicado foi o nomeado, coitado, que ficou muito mal.

Inauguração das "gaffes" governa-mentais: o Minis-tro da Fazenda, convidado para o banquete da Em-baixada da Fran-ça ao Presidente Aurioi, não com-pareceu, e só às 22,30 horas avi-sou pelo telefone



José Maria Alkimim

que não poderia comparecer...

A literatura (isto é, um Suplemento Literário), conseguiu eleger um go-vernador: o sr. Jorge Lacerda, que,

por sinal, derrotou o sr. Nereu Ramos em Santa Catarina.

O "gabarito" da equipe do sr. Juscelino não é nada alto: antes pelo contrário. O que vale é que o Pre-sidente tem ao seu lado o gene-ral Lott e o dr. Nereu Ramos pa-ra agüentar a mão à custa de



Teixeira Lott

todos os processos...

Três chefes de executivo, no País, estão governando com imunidades parlamentares: os srs. Lino de Ma-tos, Lupion e Di-narte Mariz. O sr. Bernardes Fi-lho também se li-cenciou do Sena-do, para ser vice-presidente de Minas. Neste país a gente vê cada coisa



Moisés Lupion

Está sendo conhecido nas rodas po-líticas o trêfego e langüido sr. Antô-nio Balbino como "o governador do Posto 2". Ele go-verna a Bahia das buates, dos bares e dos apar-tamentos galantes do Posto 2"... Da-dizer o sr. Vieira de Melo que "a Bahia é um Esta-do telegovernado do Rio de Janeiro", o baiano científico!...



Vieira de Melo

Apesar da sua bela coleção de cha-péus "Gellot", o sr. Francisco Negrão de Lima continua sem função. F' pre-

ciso arranjar pelo menos uma Embaixada para os chapéus do sr. Neirão...



Todos os candidatos frustrados a Ministro só falavam em "reivindicações": "reivindicações partidárias" (P. R., P. S., D. C.), "reivindicações regionais" (Bahia, Pernambuco, Paraíba, Ceará, São Paulo)... Mas o sr. Juscelino não deu bola. E os líderes das "reivindicações" murcharam as orelhas e calaram a boca. Aceitam agora até lugar de diretor de autarquia. Quem não tem ministério caça com autarquia...

O número de "ministros frustrados" — as inconsoláveis viúvas do Poder — é considerável neste momento: Armando Falcão, Josué de Castro, Vieira de Melo, Manoel Novais, Antônio Balbino, Jarbas Maranhão, José Jofilli, Cirilo Junior etc. São as carpideiras da equipe política do sr. Juscelino. E' preciso arranjar compensações para esses candidatos fracassados: eles estão sofrendo muito...



Armando Falcão



Josué de Castro

INGENUIDADE

No grande baile anual da Prefeitura de Paris, Sofia Carole apresentou-se com um vestido, cujo audacioso decote não escondia nada do maravilhoso encanto do seu busto.

— E' curioso — disse ela a uma amiga — Toda vez que ponho este vestido, parece-me que nenhum homem quer olhar mais para o meu rosto...



Se seus cabelos...
✓ são fôscos
✓ ressecam
✓ caem

Cuidado!

- você precisa defendê-los contra a

ANEMIA DOS CABELOS



Aplique sem demora a

ÁGUA DE QUINA PINAUD

Revitalize o seu couro cabeludo! Com a perfumada Água de Quina Pinaud, você tonifica as raízes dos cabelos, evitando que se ressequem ou venham a cair! A Água de Quina Pinaud combate também as caspas, eliminando-as totalmente.

Confie na ação regeneradora da Água de Quina Pinaud! Rejuvenecendo seus cabelos, a Água de Quina Pinaud torna-os mais macios, mais resistentes... mais brilhantes... muito mais bonitos! E facilita ainda, de forma surpreendente o penteado feminino.

DOIS TIPOS À SUA ESCOLHA:

1 - Com óleo

A Água de Quina Pinaud, de fórmula francesa, contém ainda dosagem certa preciosos óleos vegetais, perfeitamente diluídos, sendo assim, muito mais fáceis de aplicar. Por isso, fixe melhor... sem empastar!

2 - Sem óleo

Se deseja beneficiar-se das reconhecidas propriedades tonificantes da quina com uma ação não oleosa, use então a Água de Quina Pinaud - sem óleo!



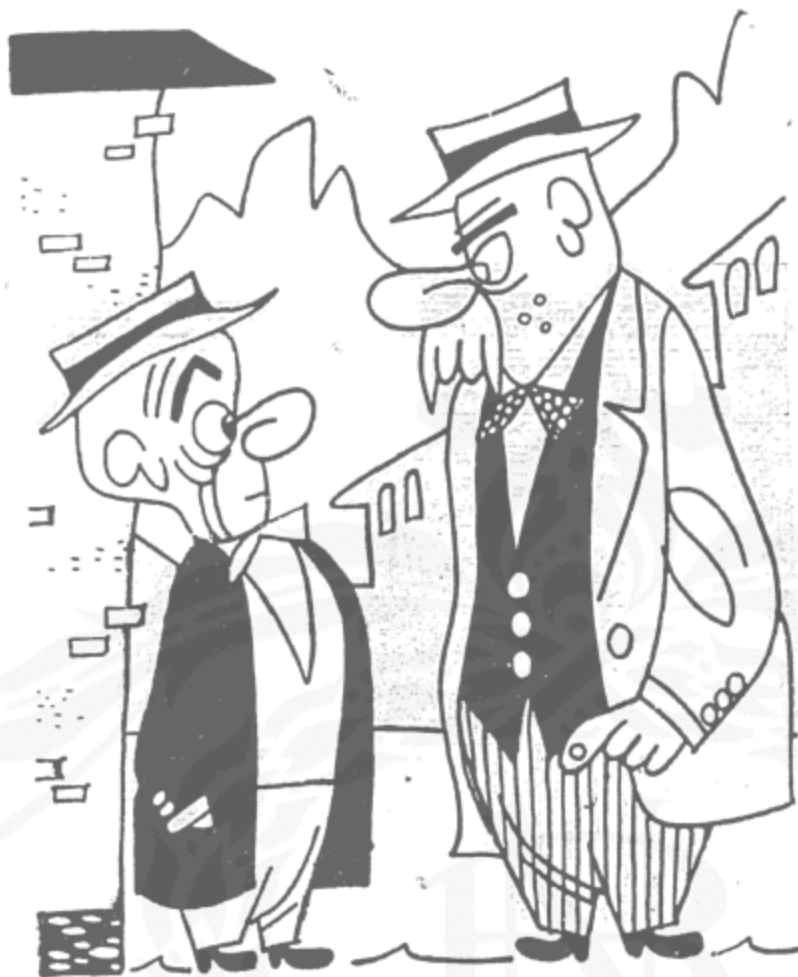
Seu próprio barbeiro confirmará as excelentes virtudes tonificantes da Água de Quina Pinaud.



PINAUD *Paris* Perfumistas desde 1810

v. 001

Bôa marcha



— Seu novo carro anda bem ?
— Ando, sim. Ando da casa para a oficina e da oficina para casa.

A VIDENTE...

(Continuação da página 9)

de namôro com ela visto como, de todos, só de mim é que dona Zilá não achára que dizer. Aí eu dei o desespero e escorci a peque-

na, no ponto dos bondes, num dia de chuva. Confesso que tinha más intenções; estava mesmo disposto a atracar-me com ela. Mas aconteceu que o caixeiro da venda, nessa ocasião me disse que dona Zilá me havia xingado de pagador das tropas, de alcoviteiro das

cunhadas e que me havia mudado da Ponta do Cajú para fugir dos turcos que me venderam, à prestações, a mobília e as peles da irmã. Diante dessas tristes verdades, quando encontrei d. Zilá um suor frio me escorreu pela testa e pela espinha dorsal dando volta pelo pescoço por fora do colarinho. Ela compreendeu meu triste estado de patriota-em fiasco:

— Oh !... bom dia, doutor. Está esperando alguém? A namorada, talvez...

— Perdão. Sou homem casado. A senhorita deve sabê-lo. Estou realmente esperando uma pessoa, mas essa pessoa não é absolutamente minha namorada.

— Hei-de ser eu, talvez, a única moça do bairro a quem o senhor não arrasta sua asa?...?

— Está com mágua...?

Zilá não bebeu água. Calmamente chamou-me de feio e observou-me que homem casado era papel queimado. Depois disse que nós todos, homens, éramos iguais:

— Olhe, eu não sou cega como sua mulher que não vê os papéis que o senhor faz nas feiras-livres com as mulatas, carregando galinhas e pagando angú.

— Isso é falso, eu não me presto a semelhantes papéis! A senhorita está redondamente enganada.

— Está com mágua? Beba água. Conheço a humanidade. Olhe um pouco mais para dentro de sua casa e procure saber a quem é que aquele beldroegas de fraque debruado namora a pretexto de noivar com a sua cunhada que tem um sinal de cabelo no beijo.

— Peço à senhorita que deixe em paz minha família, do contrário...

— Do contrário... eu direi que o senhor já foi casado na Bahia antes de constituir família carioca. Sei de tudo e as minhas informações vêm do alto. Eu sou espírita, medium vidente e já estive no corpo de sua primeira mulher.

**DOENÇAS DO CABELLO
E DO COURO CABELLUDO
HYGIENE E TRATAMENTO**

PILOGEOLIO

FORMULA DO PH^{CO} FRANCISCO GIFFONI
A VENDA NAS PHARMACIAS E DROGARIAS
DEPOSITO GERAL RUA 1^ª DE MARÇO 17-RIO

**Agora o novo colarinho
quimicamente engomado
com as pontas extra-rijas**



Os homens inteligentes trajam corretamente, porque sabem
quão importante é a boa apresentação para vencer na vida.
Da indumentária masculina a camisa merece especial atenção.
„TANNHAUSER“ desde 1893 especializou-se em camisas.
Mais de 60 anos de prática e os métodos
mais modernos de fabricação estão a
sua disposição nas belíssimas camisas

Os OCULOS DO DIABO

Crônica de Lisboa: por Jorge Ramos

Jornalista português

REFLEXÕES

RECORDO ter visto na prodigiosa Plaza de los Muertos, dessa cidade das Mil e Uma Noites que é Marrakech, o narrador de contos com o seu auditorio. Um círculo de homens apelhados uns, outros de pé, seguia absorto as palavras guturais e os gestos do contador de histórias. Mais do que uma narrativa era, na verdade, um drama mimico. Saltava e esgrimia no ar uma arma imaginária, punha as mãos sobre a cabeça para exprimir o desespero, e todas as mãos dos ouvintes se levantavam, como num rito, para tocarem o turbante ou o "fez",

e todos os corpos revolvidos nas chibabas se moviam seguindo as ondulações do seu corpo. Fiquei ali por largo espaço, absorto, sem perceber palavra, olhando, como numa visão, a mais remota e verdadeira forma de arte literária viva e em atividade. Deviam ser assim os bobos da Idade Média e os rapsodos da velha Grécia. Aquêlo homem agitado e clamoroso era um poeta. Era um ser dotado da magia de dizer, de expressar, transmitir e criar.

O que mais tem preocupado o Homem é conhecer a Vida, contemplá-la, senti-la, vê-la multiplicada, e em contraste com outras formas de

viver, isto é, experimentar o que ele significa ou pode interpretar, e prolongá-la, profundá-la no seu mistério, na sua volúpia e no medo e na paixão de viver. . . Desta necessidade ou desta inclinação se alimenta a raiz mais profunda da arte — e toda a arte não é outra coisa senão a tentativa de saciar essa fome, de explicar êsse mistério, de proporcionar essa voluptuosidade, quer se trate de Cervantes, de Eça de Queiroz, de Machado de Assis ou do contador de histórias da Praça dos Mortos de Marrakech.

A Verdade, tal como a idealizamos, está sempre distante, como tudo o que é desejo e aspiração. O homem forte e sereno, que ousa caminhar para ela, arrisca-se a defrontar a incompreensão da sua época. Chega até nós, como o reflexo de uma luz longínqua, um pouco do conteúdo dessa Verdade para a qual se deve ir com a alma toda como ensinava Platão. É através dessa páli da claridade que o espírito distingue o que é bom do que é mau, embora a vida nos imponha a necessidade de confundir uma coisa com a outra. Tudo o que nos cerca tem de ser visto simultaneamente com os olhos de entendimento complacente ou com os olhos do raciocínio cético. Damos à Vida um sentido que ela não tem, e à imaginação uma atmosfera que ela repudia. O que é sombrio aparece cor de rosa, o que é duro e áspero torna-se suave e macio. Por detrás desta camada de fingimento a realidade sorri com uma crueza que vai até ao mais íntimo da nossa consciência. Ergue-se então uma voz que nos acusa — voz aterradora que nos chama covardes, que desfaz todos os equívocos em que deleitamos as manhas felinas das nossas paixões. Essa voz diz-nos que um concubino não é um homem com a espinha direita, e que aquilo que é muito amargo não é muito doce. Diz-nos que o pouco de verdade que nos basta à consciência, devia ser um instrumento da Razão.

E a Razão aconselha-nos a não hesitar. O nosso dever é ir para o lado da Verdade. Mas qual de nós será o herói capaz de defendê-la?

**Há quasi
UM SÉCULO**

Milhares de homens
em todo o Brasil
preferem este
calçado

A G O R A

elegante
modelo
de
estação



**Calçado
SOUTO**

Conforto
máximo
Garantia
absoluta



O sr. Álvaro Quisling Ramos, na impen-
sável tarefa de obter o perdão dos seus con-
citadãos, tenta conquistar aqueles que a
religião não nega a ninguém.

O sr. Juscelino Kubitschek, presidente
da república, entrega o seu programa
de governo aos brasileiros.

VIDA POLITICA

A intenção de "Car-
ta" deixar de publicar
qualquer notícia ou co-
mentário em torno da
posse dos srs. Juscelino
Kubitschek e Tancre-
do de Góes.

Feitos mercê da fraude havida
conseqüência natural da recusa
da maioria parlamentar de refor-
mar o código eleitoral sobdormen-
do a eleição das eleições presidenciais
do dia 3 de Outubro de 1955 fo-
ram, como se esperavam, viciadas.
Não têm portanto valor legal os
resultados forjados, que delas
representou o Superior Tribunal
Federal nem as misérias que o
qualificável parlamento brasi-
leiro votou para garantir a posse
dos candidatos mal-deitos, nem
as infâmias cometidas à sombra
do dia 11 de Novembro e 1
de 20 desse mês, nem a diploma-
ção suspensa de um tribunal fa-
cioso, nem a posse que, garantida



O sr. Juscelino Kubitschek, presidente
da república, entrega o seu programa
de governo aos brasileiros.

sob grande aparato bélico, foi to-
mada perante o cadáver de um
congresso amoral, nem a trans-
missão do Poder, feita por um
"presidente" Quisling, nem nada
outro foi feito foras dos estu-
dos constitucionais. Tudo isso
que aí está não tem, portanto,
visto de legalidade. Para os bra-
sileiros dignos dêsse nome não
passa tal governo de um governo
de fato, nunca, porém, de direito.
E, pois, como tal, que o vamos
sofrer e analisar. Logo, como
dissemos no começo desta nota
deixar passar em branco o vício
e o erro da pantomima política
político eleitoral de 1955, por de-
fexer o corrente que de o sr.
Juscelino Kubitschek teve um ges-
to de coragem: mandou, contra a
vantagem mercenária, suspender a
consulta que a pusila cidade de
um congresso de curules havia
votado e prorrogado sob ameaça
das armas.



O Palácio dos abutres

Diante disso resolvemos reconsiderar nossa atitude e aqui estampamos diversos aspectos das cerimônias então levadas a termo, compreendendo a posse, a apresentação de credenciais por parte dos representantes estrangeiros encarregados da representação de seus países as cerimo-

nias, a leitura do discurso do sr. Kubitschek e diversos flagrantes das senhoras presentes ao banquete no Palácio Itamarati.

Do ponto de vista político foi acontecimento muito melancólico esse de 1.º de Fevereiro. Os novos governantes e os seus assessa-

vos a população, fizeram-se cercar de grande aparato militar, com o que afugentaram o povo das comemorações. O aspecto social foi menos mau no que tange ao grande banquete de 150 talheres oferecido ao corpo diplomático, porque quanto ao outro, foi de causar dó.



O Embaixador de Portugal, Dr. António Leite de Faria



O sr. Juscelino Kubitschek após a posse



O Embaixador da França, sr. Alexandre Tardieu, ao expor a República ao Vencedor Turco

Lalton, entretanto, a toda a ce-
ramental, o apelo e a vibração do
verdadeiro povo brasileiro, que
não é nem a rale ignara das ruas
nem os aventureiros de todos os
matizes, que gravitam, ávidos de
favores, em torno de todos os go-
vernantes.

Eis aí o que houve, sem pôr
nem tirar, respeitante ao epílogo
de uma campanha eleitoral que
cabeu de vergonha os brasileiros
de brão.

Não obstante isso, e a pueril

proclamação de "epíteto", e o mi-
serabilismo dos países que era possí-
vel formar-se, e a nomeação de
uma porção de aventureiros para
lugares de projeção fora e den-
tro do país, inclusive de contra-
bandistas conhecidos para a car-
reira diplomática, e os boatos que
se espalham de novas e mais pe-
tigosas experiências demagógicas
no campo trabalhista etc. etc., os
votos de "Caretta" são para que
o sr. Juscelino Kubitschek oriente

o seu Governo no sentido da ho-
ra, do patriotismo e do pandamor.
Se o fizer, se se colocar a favor
do povo brasileiro, que é a bur-
guesia, ou seja a classe média,
não lhe faltarão louvores sinceros
partidos de todos os brasileiros
honestos, inclusive desta Revista.
Se seguir, porém, a política dos
negociistas e traficantes que o cer-
cam, terá que governar enclausu-
rado, como o fez o sr. Artur Ber-
nardes, que Deus lhe faça sua
infinita misericórdia.



O cônego gueluz da St. Nova Roma
por ocasião da transmissão do Poder



O presidente Richard Nixon, dos Es.
faz questão de passar por democrata



O Embaixador da Indonésia, sr. Raden
Sudono

Baile dos Artistas



Defendendo a propriedade

O ano do mal

ENTRE todas as festas pré-carnavalescas desta capital o **Baile dos Artistas**, no Hotel Gloria, é aquela que mais "abafa"...

Os magníficos salões do Gloria foram transformados num grande "Circo", original decoração que muito agradou a todos que ali compareceram.



Esse grande baile é patrocinado pela Associação dos Artistas, em combinação com a direção do referido estabelecimento, resultando, finalmente, a festa em benefício da Juca Associação.

Em meio a tanta gente que não parava de chegar, a vapor e cantava e berrava como posses, foram vivendo velhas conhecidas da boêmia carioca. Lá estava Rosângela Maldonado, Rainha do Carnaval de 1954, maravilhosamente fantasiada com o belo corpo que Deus lhe deu, e Ester Tarcitano, Miss Objetiva também de 1954, e Angelita Martinez, a nova Rainha das Atrizes, na fantasia de "Cleopatra" que fazia inveja àquela antiga rainha egípcia, e Ruth Amaral, a multi-premiada campeã de fantasias dos Grandes Bailes de Gala do Brasil, e muitas outras do Rádio, do Cinema, do Teatro, e muitas e diversas participantes de "De Pêlo", de "New de Silveira Sampaio", no "Beguê", e muitas outras que tentavam fantasias luxuosas e de maior...

É como se brincasse com que pesar geral a festa terminou, às quatro horas da madrugada, quando todo mundo estava deitando para que continuasse...



Angelita Martinez, Rainha das Atrizes de 1956, na sua bela fantasia de "Cleopatra com tomé"



Uma Rainha das "Mil e uma noites"



Três cheles africanos bem à frescata...



Ruth Amaral e sua guarda de cheles zulús.



Ester Tarcitano, a Miss Objetiva de 1954, continua em forma.



Os palhaços que são? São ladrões de mulheres...



1 - Para esta volta
estou de outra vida



Como o carnaval
andará na próxima

3 - Rei a Rainha e a Princesa
Real do Carnaval



nense F. C. teve lugar em
Alvaro Chaves

O Clube de Regatas do Flamengo e o Fluminense Futebol Clube abriram seus salões para dois magníficos bailes de gala pre-carnavalescos, realizados no último sábado.

Apesar da canícula que está torrendo, o carioca não perde ocasião de diver-

CARNAVAL

tir-se. Ambos os salões estavam à cunha e a animação era grande.

Não obstante tratar-se de festas carnavalescas, grande era o número de moças em trajes de baile e não menor o de cavalheiros que envergavam "summer jackets" e casacas.

A festa do C. R. do Flamengo foi realizada na sua nova sede à Av. Rui Barbosa, enquanto a do Flumi-

4 Rainha do Carnaval de 1936 foi recebida e homenageada pelos atretores do Tricô.



4 - O baile em Álvaro Chaves
foi um fato



Dois "tricolores" para as
animadas



Rainha do Rádio de 1956

A PÓS longa e árdua peleja, a cantora Doris Monteiro ganhou brilhantemente o título de **Rainha do Rádio de 1956**, que estava na disputa com Vera Lucia, a quem muitos chamam de "princesa".

A preferência popular em favor da cantora foi o resultado de uma combinação de fatores. Além de ser a mais conhecida, além das condecorações ao título, grande número de votos e estórias de amigos e conhecidos das disputantes, muitos fãs das vencedoras e igual número de derrotadas.

Doris Monteiro, a vencedora, pertence ao quadro de Rádio Tupi, onde é muito querida por seus fãs de inteligência e pela bela e harmônica voz.

Nos estúdios, onde trabalha, não admira nem quem não gosta de música, simpacidade e a tranquilidade.

Vera Lucia, a "Princesa", também pertence à Rádio Tupi, onde é muito querida e admirada por seus fãs.

Nas eleições para Rainha do Rádio de 1956, a "Princesa" foi derrotada por Doris Monteiro, a vencedora. A eleição foi realizada por um júri composto por jornalistas e ouvintes. A vencedora foi escolhida por 100 votos, enquanto a "Princesa" recebeu 80 votos.

O título de Rainha do Rádio de 1956 foi atribuído a Doris Monteiro por um júri composto por jornalistas e ouvintes. A vencedora foi escolhida por 100 votos, enquanto a "Princesa" recebeu 80 votos. A eleição foi realizada por um júri composto por jornalistas e ouvintes.



que a Rainha do Rádio de 1956, Doris Monteiro, ganhou o título de Rainha do Rádio de 1956 por 100 votos, enquanto a "Princesa" recebeu 80 votos.

Doris Monteiro, a Rainha do Rádio de 1956, ganhou o título de Rainha do Rádio de 1956 por 100 votos, enquanto a "Princesa" recebeu 80 votos.

que a Rainha do Rádio de 1956, Doris Monteiro, ganhou o título de Rainha do Rádio de 1956 por 100 votos, enquanto a "Princesa" recebeu 80 votos.





Darley, Negreiros, Maria Rosa, Beatriz, Lúcia, Maria Lúcia. Antes do desfile, com o prêmio especial para a vencedora.

Darley, Vera, Linda, Maria Lúcia. Antes pouco antes do último desfile.

Rainha do Carnaval de 1956



Nair Gonçalves, a Rainha do Carnaval de 1956.



A PÓS luta tenha da mais vencedora do concurso patrocinado pela "Associação de Cronistas Carnavalescos", a bela jovem e simpática Nair Gonçalves, que se tornou a Rainha do Carnaval de 1956.

Até à undécima hora não se podia prever qual seria o resultado final do certame, tal o entusiasmo e a confiança que quase todas as concorrentes depositavam nos seus próprios méritos.

O resultado final, dando a palma da vitória à Nair Gonçalves, não podia ter sido mais justo. Mesmo e considerando as magníficas formas e a beleza pessoal de quase todas as concorrentes ao título, outra não teria sido mais escolhida se ela dependesse exclusivamente de si.

A nova Rainha tem lhe sido prestadas numerosas homenagens, prêmios que ela bem os merece, dada sua irradiante e avassaladora simpatia.

UMA NOVA ATRAÇÃO
HUMORÍSTICA DA

SEXTA-FEIRA

ÀS 20hs

RÁDIO

Mayrink Veiga

EMISSORA DE ORGANIZAÇÃO
VITOR COSTA

BALBINA, MEU, Lolô

Produção de

FRANCISCO ANISIO

• PATROCÍNIO DOS
BISCOITOS AIMORÉ

AGORA TAMBÉM EM ONDAS-CURTAS!

Nas frequências de 9.575 kcs - faixa de 31 metros e 11.775 kcs.
- faixa de 25 metros



HA JUVENTUDE
NOS CABELLOS
TRATADOS COM
JUVENTUDE
ALEXANDRE

ANEDOTA RUSSA

Conta-se em Moscou que a certa família russa, que deixou o Paraíso Comunista para radicar-se nos Estados Unidos, sucedeu o que adiante se lerá:

Paul Kozloff e sua mulher viviam em São Francisco onde levavam vida à européia. Certo

dia, após muita insistência, conseguiu-lhes fôrse dada, a si e à sua mulher, a cidadania americana.

Ao chegar a casa comunicou a nova a Mrs. Kozloff, a qual, sem mais perda de tempo, despe o avental, de que estava munida, e, entregando-o ao marido, diz:

— Paul, anda. Agora cabe a você a limpeza da louça...

♦ ♦ ♦

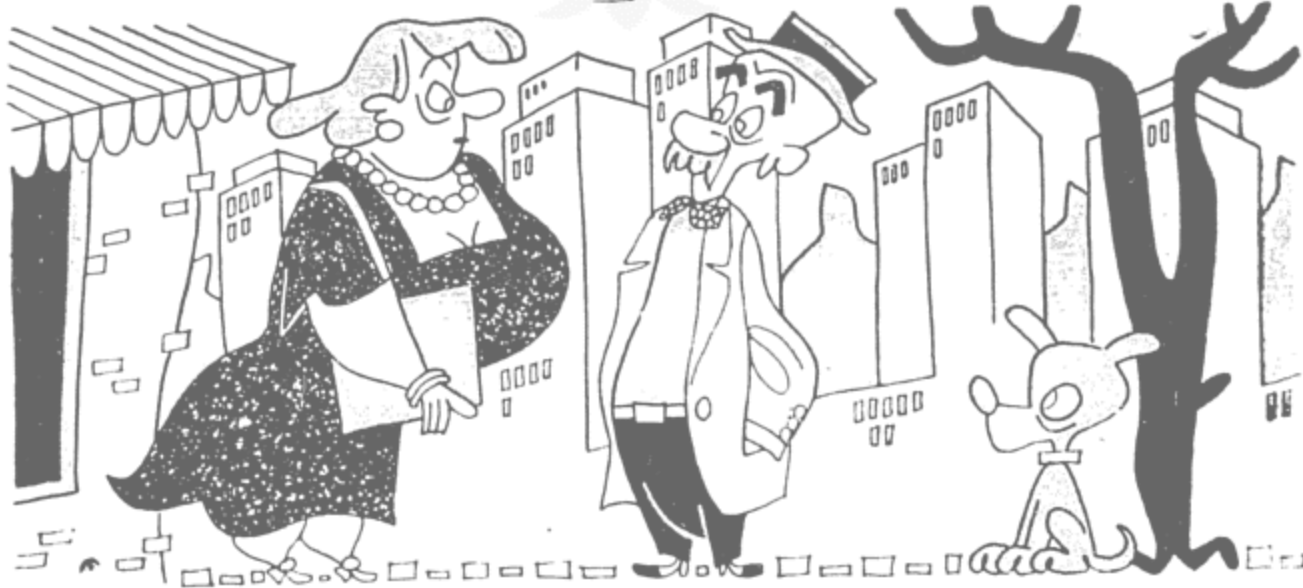
O PARAISO AGRÍCOLA

Numa das mais recentes reuniões políticas realizadas na Suíça, entre os representantes das quatro grandes potências, o perito soviético em assuntos agrícolas declarou:

— A Rússia é verdadeiro pa-

—♦—

A defesa



— Para que quer ele um lugar na Comissão de Defesa do Arrôz?

— Que pergunta, seu Garcia?! E' para defender o "feijão"...

raiso agrícola. Ela realiza quatro colheitas de trigo por ano!

— E' verdade, confirmou o representante inglês que se encontrava presente: "uma na Polônia, uma na Checoslováquia, uma na Rumania e outra na Ucrânia.

— E onde fica — redarguiu o representante norte-americano — a colheita da Hungria?

♦ ♦ ♦

A PREMIADA

No curso de literatura, de certa universidade norte-americana, o professor passou aos alunos uma composição que encerrasse final inesperado.

A mais alta classificação coube à seguinte:

Ricardo — Queres, então, casar comigo?

Lilyan — Não!

E desde então viveram ambos muito felizes...

PENSAMENTOS PROFUNDOS

PARA A CALVÍCIE O ÚNICO REMÉDIO INFALÍVEL QUE EXISTE É A GUILHOTINA...

NA VIDA SÓ MUI POUCOS SONHOS CONSEGUEM-SE REALIZAR. A GRANDE MAIORIA DELES RONCAM-SE...

A VENTANIA É UM AR COM MUITA PRESSA...

QUEM CASA COM MULHER QUE NADA SABE FAZER E VAI MORAR COM A SOGRA JUNTA O INÚTIL AO DESAGRADÁVEL...

O HOMEM INQUIETO É AQUELE QUE TEM UMA IDÉIA. A MULHER INQUIETA É AQUELA QUE TEM UMA PULGA...

SOLTEIRÃO É O INDIVÍDUO QUE NÃO TEM MULHER PARA CONSOLAR-LHE OS MIL DESGOSTOS QUE TERIA SE FOSSE CASADO

♦ ♦ ♦

LA' O DAR, DA'...

O visitante contempla, com grande pesar, uma vaca que só

tem pele e ossos e pergunta ao homem que parece ser quem toma conta do pobre ruminante:

O navalhas

— Esta vaca dá leite ?

— Não senhor — responde ele — dá pena !...



- Qual a parte mais perigosa do automóvel, seu Reginaldo ?
- É o motor.
- Não senhor.
- Então são as rodas.
- Tão pouco.
- Então não sei !
- É o motorista, seu Reginaldo...

Honra

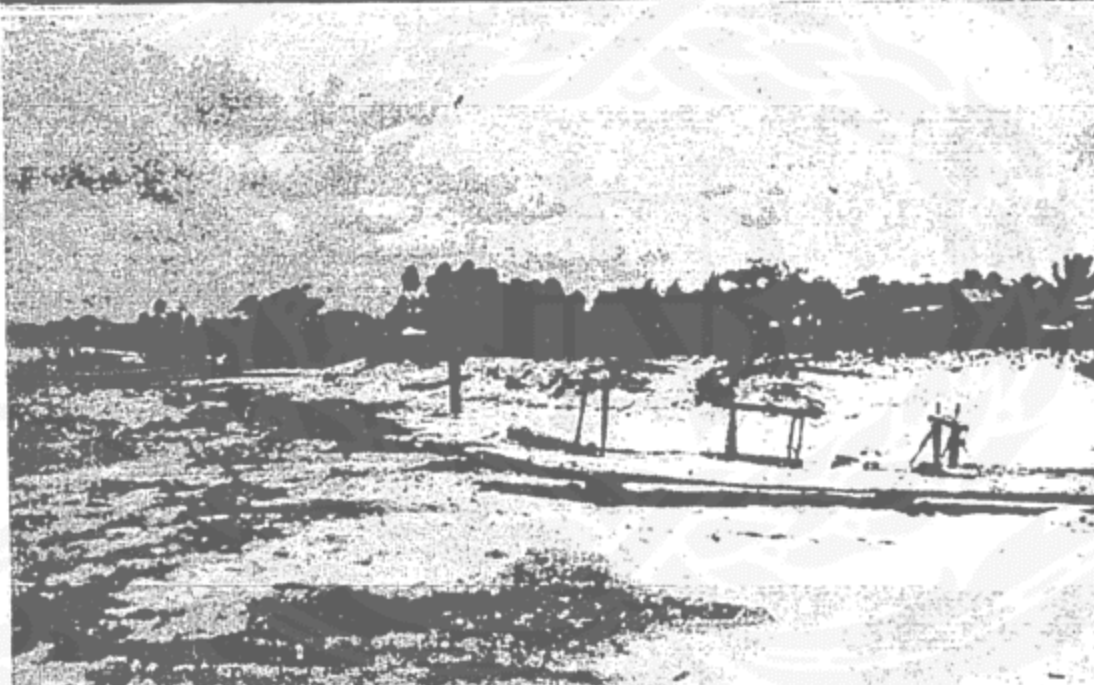
Ainda estou a ver Maceió, do meu último encontro, nos princípios de 1954. É cidade ao nível de Natal, com algumas inferioridades: os cinemas, o principal dos quais colocado muito abaixo do moderno e confortável Rio Grande; o Mercado, pequeno e precário, além de deficiente na organização e no sortimento. Quanto à edificação, no tocante às boas casas novas, perde ainda para Natal, que as possui em número bem maior. Gostei, entretanto, dos palacetes de Maceió. Dois deles cheguei honrosamente a habitar, para o desgosto de vê-los mais ou menos degradados na condição de hotéis: o Bela Vista e o Atlântico.

Por falar em Atlântico, a praia mais freqüentada é a que se estende ao longo de larga Avenida olhando de frente o cois artificial onde acastam

Uma das numerosas estátuas que ornaram a Praça de Maceió. Esta é muito justa. É de Floriano.

Pernambuco é uma das pitorescas praias da capital alagoana.

Palácio do Governo — Passou por reforma restauradora no Governo Arnão de Melo



ao mérito às avessas...

Umberto Peregrino

Os navios. O mar é sereno, nenhuma vaga se encrespa mais violenta, o mar recua do litoral a distância da praia com as ondas. A praia propriamente dita é ampla, espaçosa, mas sem vegetação. Esta só existe na Avenida que se distende ao longo da praia, a qual é ajardinada e arborizada a amendoeiras. Apresentava-se, entretanto, muito maltratada, como a cidade em geral.

As Praças são muitas e povoadas de estátuas, como era de esperar, pois a terra tem que contemplar cada um dos seus filhos ilustres, que são copiosos naquela terra de meritos e Generais. Aliás, o seu mais recente General histórico, o Gen. Góis Monteiro, já está estatuaado na praça pública, apenas é impossível reconhecer-lo na figura que lhe fizeram.

A cidade não padecia falta daquela, graças ao Governo Péricles, que lhe fez o abastecimento com larga margem de segurança. Também não sofria deficiência de energia elétrica, no que se punha em superioridade sobre Recife e João Pessoa, ambas vítimas de falta d'água e de luz.

Os transportes urbanos também não ofereciam problemas. Os bondes ainda rodavam em bom número, embora um tanto precários e sobretudo de mau aspeto. O que agradava francamente eram uns **lotações** feitos com caminhonetes DKW, viaturas de teto alto, que permitiam cômoda e fácil circulação.

Mas, naquele momento, o que mais impressionava quem visitasse Alagoas era a ativa e progressista obra administrativa que realizava o Governo do Estado. O Governador Amon de Melo adiantava Alagoas de algumas décadas, recortando-o, Interior a dentro, com modernas estradas pavimentadas, como iguais só eram encontradas no Norte, as de Pernambuco, construídas por outro grande administrador, Etelvino Lima.

O Governador Amon de Melo sabia Alagoas, fazia obra de estadista de visão adiantada e demonstrava prodigiosa capacidade de ação à vista do que efetivamente criava supe-

rando toda sorte de óbices materiais.

Então, dizia eu, de mim para cá, tudo?

Que sorte a de Alagoas, entre que a homem faz opositos e contras.

Aconteceu, porém, que menos de dois anos depois, nas eleições estaduais, o Governador era derrotado. Não discuto os méritos do seu sucessor, que não conheço, apenas fico sem entender como foi que o eleitorado

alagoano desamparou tão invejável governante!

Possivelmente, o Sr. Amon de Melo estará agora sendo negado e até esfunhado. É o destino dos que realizam, em vez de simplesmente fazer demagogia e arranjos pessoais. O êxito político, entre nós, está sempre na razão inversa da seriedade e da operosidade do homem público. Este caso bem o ilustra.



O famoso "Gogó da Ema". Esta enfêrma, já desapareceu, que pena!

Desemprego



- Sou contra a troca de mercadorias! Assim não haverá mais necessidade de moeda!
- E que mal há nisso?
- Você pensa assim porque não é moedeiro falso...

UMA das coisas agradáveis que há nesta vida é presidir, seja o que for: banca de exame, clube carnavalesco, banquete político ou qualquer outra coisa. O presidente é sempre alvo de olhares respeitosos. Na banca de exame não

O atestado mudo

é obrigado a arguir, de sorte que não corre o risco de revelar ignorância. No clube carnavalesco tem várias prerrogativas agradáveis. No banquete político só faz

o brinde de honra, que por ser lacônico, não dá ensejo a entaladelas. É sempre agradável presidir.

Não admira, pois, que o Juven-
tino Ventura, estabelecido com
casa de loteria e bicho em uma
das estações suburbanas da Leo-
poldina, houvesse accitado com
júbilo a eleição para presidente do
grêmio dançante, recreativo e car-
navalesco da localidade, denomi-
nado *Mosqueteiros de Troia*, de-
nominação à qual, pela sonorida-
de, se pode perfeitamente perdoar
o anacronismo.

Foi com grande entusiasmo
que Juven-
tino preparou o baile
com que se deveria solenizar a
posse da nova diretoria e do con-
selho fiscal. A festa correu ani-
madíssima e dois ou três dos
grandes matutinos do Rio deram
dela minuciosa notícia, com ins-
tantâneos. Isso foi o ano passa-
do, em Junho ou Julho.

Para o carnaval deste ano Ju-
ventino concebeu o arrojado pro-
jeto de botar préstito na rua.
Desde um mês antes dos três dias
de loucura, a atividade do presi-
dente foi toda absorvida na ulti-
mação dos preparativos. A venda
dos bilhetes de loteria e o bicho
ficaram entregues ao Domingues,
empregado da casa, que já goza-
va da confiança do patrão.

Na segunda-feira de carnaval
os *Mosqueteiros* fizeram desfilar
o seu préstito pelas ruas do subúr-
bio, com extraordinário êxito. O
presidente, desenvolvendo ativi-
dade assombrosa, presidia a tudo,
impando de orgulho pelos triun-
fos alcançados. Desde o sábado
começara a pernoitar na sede do
grêmio.

Só na quarta-feira de cin-
zas, já muito tarde, com o corpo
moldo de cansaço, foi que Juven-
tino começou a readquirir noção
das coisas não carnavalescas, lem-
brando-se então de que o seu ga-
nha-pão era a casa de bicho e lo-
teria. Não se inquietou, porém,
graças à confiança que o empre-

GRIPES? TOSSES? BRONQUITES? ASMA? COQUELUCHE?

XAROPE PEITORAL PAULISTA

De grande eficiência nas moléstias do aparelho respiratório

Produtos do Nosso Lab. Farmacêutico das
INDÚSTRIAS REUNIDAS DE JOSÉ STEFANINI

Av. Londres, 416 — Bonsucesso — Fone: 30-5540



Comedia infinita

PARA o banquete comemorativo da posse da dupla J. J. (de Janeiro a Junho) vieram dos Estados Unidos, a peso de dólares:

Três cozinheiros do hotel mais luxuoso do mundo.

Duzentos quilos de caviar.

Duzentas latas de "champignons".

Quatro dezenas de faisões.

Cinco dezenas de perús gigantes.

Cinquenta caixas de champagne Mont Candon.

Trinta caixas de uísque.

Muitos acham que houve esbanjamento nesse banquete oriental e que isso foi uma afronta à miséria do povo, sobretudo tendo em vista que o Governo que se empossava dizia-se populista. Em verdade, porém, o povo teve faustoso banquete: foi quem o pagou...

Em virtude de denúncia do Juiz da 24.ª Vara Criminal, o Tabelião Brito Freire foi suspenso do exercício de suas funções pelo De-

sembargador Henrique Fialho, Corregedor da Justiça do Distrito Federal.

O Tabelião suspenso é irmão do Senador Vitorino Freire, e, nessa qualidade, foi nomeado Tabelião pelo Presidente Eurico Gaspar Dutra. Quanto à suspensão causou completa surpresa ao Sr. Brito Freire, porquanto estava acostumado a ver seu irmão Senador fazer coisas muito mais graves sem lhe acontecer nada.



gado lhe inspirava. Tendo-se levantado tarde, resolveu almoçar antes de ir para o negócio.

Quando avistou as duas portas do estabelecimento, causou-lhe estranheza que àquela hora ainda estivessem fechadas. Calculou que o Domingues, que dormia nos fundos, ainda estivesse sob a influência dos vapores carnavalescos. Tirou a chave do bolso, abriu uma das portas e entrou,

indo logo direito ao quarto do empregado. Estava vazio.

Mau! Pensou Juventino, franzindo o sobrolho.

Dali passou a inspecionar a gaveta, onde devia haver a fêria acumulada, que os trabalhos da presidência não lhe tinham permitido recolher. A gaveta, porém, estava vazia de dinheiro. Continha apenas quatro ferraduras, que o Juventino tomou uma

a uma, suspirando e dizendo aos seus botões:

— O Domingues tem razão: eu fui uma besta!

FRANQUEZA

— Olha cá, rapaz, que ha de bom hoje?

— A filha do dono d'êste hotel, meu caro senhor!

SUPERFIXO



Alisa qualquer cabelo

O CAMPEÃO DOS FIXADORES NÃO É COMOSO



SEIVA DE MUTAMBA

A VIDA DOS CABELOS

O MAIOR PRODUTO DE TODOS OS TEMPOS PARA PRESERVAR O VIGOR E A BELEZA DOS CABELOS



PETRÓLEO - ÓLEO - BRILHANTINA.

FINAMENTE PERFUMADO E DE APLICAÇÃO AGRADABILÍSSIMA

LABORATÓRIO SEIVA DE MUTAMBA - RUA VITOR MEIRELES, 68 - RIO
PELO REEMBOLSO: — (Quantidade mínima) SUPERFIXO — 6 vidros a Cr\$ 22,00
PETRÓLEO SEIVA DE MUTAMBA — 6 vidros a Cr\$ 22,00

OS PARTIDOS

RECEBI em casa, por favor do Correio Geral, uma circular do Partido Social Democrático convidando-me a filiar-me a esse grêmio cívico de salvação nacional.

A princípio hesitei em dar minha adesão esperando que me viesse também uma circular do Partido Feniano e outra dos Tenentes do Diabo para tirar a sorte no chapéu e entrar decididamente para o rol dos valentes salvadores da pátria, que todos comparam a uma mulher que anda perdida, apesar de ter casa própria e viver confortável e alegremente.

Mas o meu cunhado Pereira da Silva e Souza, homem versado em política, finanças e literatura, combateu enérgicamente minha decisão e ignorância, mostrando-me que o partido democrático não era absolutamente o que eu levianamente pensava, mas sim um partido político que pleiteia a desvalorização do cruzeiro para atender ao apetite devorador dos especuladores do café e das indústrias artificiais.

— Ah! exclamei — trata-se de política! Não me meto nisso.

— Idiota! É preciso saber que espécie de política é a de que se trata, antes de dizer bestamente que não se mete nisso.

— Há diferenças?

— Enormes! Há a política do governo, dita do partido democrático, que desmoraliza a democracia, e há a política dos que não fazem parte do governo...

— Compreendo: dita do partido trabalhista que desmoraliza a república!

Meu cunhado ficou estupefacto com a minha perspicácia; calou-se um momento, fixou os olhos escuros no meu riso vitorioso e bradou:

— Sempre há-de você mostrar que é brasileiro e carioca. Não

há meios de entender patavina das questões vitais de nossa pátria. Saiba você que a nação caiu nas unhas e nos dentes de pessoal trabalhista que a devora sem piedade até os ossos...

— Vou mostrar a você que entendo de questões vitais da nossa pátria e que não sou carioca e sim paulista.

— Lá vem besteira!

— Pois ouça: os democráticos devoram a pátria com unhas e dentes. Lá se vai toda a carne pela goela dos antropófagos. Que resta? Naturalmente restam os ossos. Aí entram os trabalhistas e se atiram aos ossos...

— Oh! Isso é horrível!

— Horrível mas é o que se deduz da comparação das tuas palavras...

— Mas isso não consta da circular que você recebeu do partido.

— Era o que faltava! Naturalmente quem me mandou esta circular me conhece. Se me conhece, deve saber que eu sou diabético, proibido pela ciência de comer carne, e além disso sabe que não tenho dentadura postíça e que, portanto, posso perfeitamente roer ossos. Eis aí...

Meu cunhado levantou-se solenemente:

— Com gente da sua espécie é inútil fazer política de salvação nacional. Isto é mesmo um país perdido!

BOTTE

(Marcel Arnac)

A PRINCÍPIO ele anda de quatro pés, por nada, para divertir-se. Isso não dura muito. Botte tem quatro anos, o silêncio o inquieta. Ele pára, dá um rugido, outro e ima-

gina-se um tigre. O corredor, com sua passadeira amarela, é o deserto... Dá mais um berro tremendo. A Gertrudes, na cozinha, deve estar apavorada. Meter medo à Gertrudes! Que prazer para Botte! Afinal ergue-se, achando que já berrou demais. E a verdade é que, de tanto rugir, Botte acabou ficando com medo...

• ♦ •

Aos seis anos, Botte está almoçando. Toma a comida com um garfo, desajeitado, ou com os dedinhos ágeis. Depois espalha porções sobre a toalha, para acabar derramando outras no copo com água. É a ginástica sempre executada pelos alimentos antes de desaparecerem na goela de Botte. Tem a carinha toda lambuzada de molho, ovo na ponta do nariz e seu queixo reluz de tanta gordura.

De repente, porém, começa a chorar. Acode a mamãe. Botte queixa-se.

— Foi um dente que pisou minha língua!

• ♦ •

Depois do almoço, imitando papai, Botte quer fazer a sesta. Escolhe uma poltrona, instala-se, descansa os braços nos braços da poltrona, ajeita-se confortavelmente. Depois, de cabeça para trás, olhos cerrados, considera:

— A gente fica tão bem assim. Parece até que está doente!

• ♦ •

Afinal desce ao jardim, em companhia de Tine. Botte e Tine, uma dupla de bons amigos. O vovô aquece ao sol seu velho reumatismo. Vovô, vocês sabem, é aquele velho que esteve na guerra.

Com o vovô formam eles um trio inseparável.

Os dois pequenos gostam da quele pobre resto das glórias passadas, que aliás tem sempre no bolso umas balas de jujuba.

— Esse seu vovô, diz Tine a

Botte, é um velhinho engraçado... Só tem uma perna, não é?

Botte dá uma olhada de espanto no avô, como se nunca houvesse reparado na falha de uma perna.

— E' mesmo... diz, lentamente.

— E onde é que está a outra perna dele? indaga o amigo.

E Botte, muito sério:

— A outra? A outra está no céu...

• ♦ •

A existência de Botte é afinal sem alegrias. Vindo ao mundo dois anos depois do irmão mais velho (o que é natural) é considerado coisa suplementar, inútil e atravancadora e tratado como tal.

Mas a melancolia de Botte provém de que o vestem sempre com roupas arranjadas com os velhos ternos do irmão. Botte não pode imaginar que suas calças se admirarem de novidades: não são nunca as primeiras pernas que elas vêem. E que vergonha trazer roupas que batem ao vento, como bandeiras!

Botte pensa com amargor que será sempre assim e que falhou na vida. Mas a Natureza se encarrega de pôr ordem nas coisas.

Botte anda pelos treze anos. E' a idade do crescimento. Botte se põe, pois, a crescer, a crescer desesperadamente! Tanto e tão bem que um belo dia chega à altura do irmão mais velho e consegue mesmo ultrapassá-la. E as-

sim consegue chamar sobre si a atenção da família, que até então não havia sequer notado.

Então as coisas mudam de aspeto.

Um belo dia Botte é levado a um alfaiate e de lá sai triunfalmente, pela primeira vez vestido com um terno novo! E esse terno, no ano seguinte, quem o vai vestir, já usado, é o irmão mais velho!

E, como por milagre, a afeição da família volta-se toda para Botte, cuja elegância a enche de orgulho. E o irmão mais velho é que vai passar por seu turno uma existência sem alegrias, considerado agora coisa suplementar, inútil, atravancadora e tratado como tal.

— ♦ —

SOL ENGARRAFADO

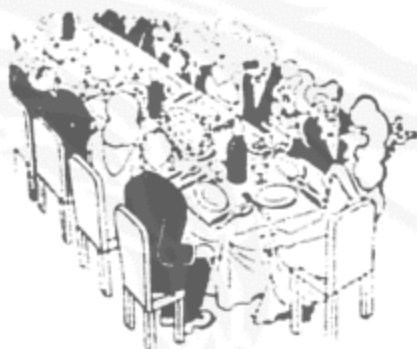
O Sol poderia ser engarrafado e transportado em recipientes, segundo uma informação apresentada à Associação de Químicos de Berlim. Dêsse modo, seria fácil iluminar e aquecer em breve as habitações nas regiões frias com o Sol dos trópicos.

Por meio de grandes motores de energia solar, colocados nas margens do Nilo, a água se transformaria em hidrogênio, que seria levado em garrafas de quartzo a qualquer parte do mundo e depois consumido na produção de luz e calor.

BONS VINHOS E GRANDES HOMENS

Parece que o célebre e magnífico vinho de "tokay" está a ponto de desaparecer. Eis uma notícia que apoquentaria deveras o grande Frederico da Prússia se ele vivesse ainda — pois esse monarca tinha por aquele precioso vinho acentuada predileção.

A esse propósito parece-nos interessante recordar quais foram as especialidades preferidas por alguns grandes homens.



Napoléon I preferia o Chambertin; Pedro o Grande, o Madeira; o cardinal de Richelieu, o Medoc; João Bart, o vinho de Baune; Cromwell, o Malvasia; Rubens, o Marsala; Talleyrand, o Chateau Margaux; Balzac, o Sauterne; Goethe, o Johannisberg; lord Byron e lord Wellington, o Porto; Francisco I, o Xerez; Henrique IV, o vinho de Suresne, que era então o vinho aristocrático, aquele que os delicados de gosto preferiam a todos os outros; Victor Hugo apreciava muito o Borgonha.



**ANTES
E
DEPOIS
UTEROGENOL
SUPER
REGULADOR**



O ÔVO DE COLOMBO

RAIMUNDO vivia apenas do seu estabelecimento. E o seu estabelecimento era, talvez, uma tabacaria, talvez uma capelista, ou talvez não fôsse nem uma coisa nem outra. Tornava-se difícil definir o gênero de negócio, porque ali se encontravam os artigos mais diversos. Desde ursos felpudos, embrulhados em papel **celofane**, até cabeças para fogões de querosene, de tudo havia naquele labirinto.

Raimundo tinha estado no Amazonas à procura de fortuna, mas o que lá encontrou foi um calor tão grande que resolveu vir procurar a fortuna na Metrópole. E, então, com uns contos de réis que lhe emprestou seu compadre Sa'ema, com uns papéis de crédito que vendeu na Bolsa e com uma esperança, que ninguém lhe vendeu nem lhe emprestou, estabeleceu-se no Rio com aquela loja de características comerciais indefinidas.

Ao princípio teve muita freguesia, acorreram por todos os seus parentes e amigos, na convicção dum abatimentozinho, e todos aqueles indivíduos que anseiam sempre nas lojas novas, a felicitar os proprietários e a desejar-lhes muitas venturas, e que desaparecem, depois, indignados, por lhes pedirem o pagamento das dívidas que lá fizeram.

Mas, decorrida esta fase artificial do negócio, a loja do Raimundo passou a ser fracamente freqüentada.

— Vai dando para governar, mal, a minha família!
— dizia o proprietário, num tom fúnebre.

E Raimundo falava com sinceridade, quando fazia esta afirmação.

Na verdade, a família era grande: mulher e cinco filhas. Mas o pior ainda não era o comprimento da família. O que lhe tornava a vida dolorosa eram as pretensões das moças e o mau governo da esposa.

A Tetê levava os dias a sonhar com casamento rico; a Lucinda tinha a mania das viagens; a Maricota indignava-se com o feijão miudinho; a Loló queria cinema sete dias da semana; a Adosinda era toda ópera, concertos e manifestações artísticas; e a D. Eufrásia cortava o cabelo três vezes por mês, fazia as unhas de dez em dez dias, arranjava os namoros para as filhas mas não arranjava os papas do marido.

Não havia, portanto, dinheiro que chegasse.

E o espectro da despesa surgia, minuto a minuto, diante do olhar apavorado do Raimundo.

Era um ano inteiro de equilíbrios, mais dignos de admiração e de aplausos de que aqueles que vemos fazer, no circo, a moça do arame.



O Carnaval sempre foi para os chefes de família a época mais aflitiva do ano.

Para os que vivem desafogadamente, pelos martírios a que os filhos os obrigam; para os que andam sempre com a vida atrapalhada, pela solução de problemas

Mudando de tempêro



— Você ainda usa pimenta no que escreve?
— Não. Agora uso incenso...

que o Carnaval origina: "Como hei-de divertir a família?"

Durante muito tempo, os chefes de família com poucos recursos resolviam o problema alugando uma casa, contratando uma orquestra e mandando fazer uns croquetes da carne que tinha sobrado na véspera. Mas, depois, esta solução deixou de agradar às filhas, porque passou a ser moda ir para os teatros, clubes e buates nas noites de Carnaval.

E então a verba disponível para os folguedos estava muito aquém da importância necessária para, em quatro noites seguidas, uma família instalar-se no camarote dum teatro ou numa mesa de clube ou de buate.

Nasceu, nessa altura, como defesa, "o assalto".

O "assalto" era uma espécie de invasão da casa de outro chefe de família.

Os rapazes levavam umas garrafas de refrigerantes e as moças faziam uns sanduíches de fiambre transparente. E, depois, "êles" e "elas", acompanhados pelos respectivos progenitores, assaltavam a casa dum desgraçado das suas relações e por lá se entretinham, dançando, sujando as "carpettes" e a reputação da casa invadida e, às vezes, até, fazendo desaparecer as colheres de prata ou outros objetos de fácil condicionamento.

A época do assalto, entretanto, também morreu.

Agora, o que é fino, o que é chique, o que constitui a ambição de todos os foliões é ir passar o Carnaval em Quitandinha, em Cabo Frio, nas Águas.

E, é claro, o problema tomou aspeto mais grave, porque não é só com croquetes e refrigerantes que êle se resolve.

Agora é preciso dinheiro, bastante dinheiro para levar uma família a uma estação de águas ou a Quitandinha ou ainda a Cabo Frio.

Raimundo, êste ano, encontra-se diante do problema, em toda a sua grandeza: D. Eufrosia e as suas simpáticas filhas querem ir passar o Carnaval em Quitandinha.

Elas já sabem que vão as Andrades, as Silveiras, as Batistinhas. Já sabem que o Tônico, que namora a Tetê, vai com dois tios. Até vão também as primas Gonçalves, que tiram tudo a prestações. E, francamente, parecia mal, seria descer no conceito das pessoas das suas relações, se ficassem no Rio.

Raimundo teve, portanto, que encarar a situação com coragem. E Raimundo nunca se atrapalhou na vida. Tem imaginação, poder inventivo. Ainda que não possuísse êstes dotes, como a necessidade é mestra de engenhos, alguma idéia havia de lhe ocorrer.

E ocorreu-lhe: foi falar ao seu compadre Salema.

Salema ouviu, com toda a atenção, a narrativa tragicômica e quando Raimundo acabou de falar, disse-lhe:

— Compadre, ainda bem que veio ao meu encontro porque eu também estou diante dum problema igual. As minhas filhas da mesma forma acham que é um sintoma de pelintrice passar o Carnaval no Rio. E eu, então, tive uma idéia que resolve completamente o assunto.

— Palavra?! — Perguntou Raimundo, com o coração a 100 pulsações.

— Não é nenhuma idéia genial. É o ovo de Colamba. O compadre Raimundo ou qualquer outra pessoa podia ter posto o ovo em pé. Mas calhou ser eu.

— Diga, compadre Salema, diga, porque estou a rebentar de impaciência!

E Salema expôs seu plano:

(Continua na página 41)

CLICHE'S
Aceitamos encomendas de clichés:
TRAÇO
FOTOGRAVURA
TRAÇO E FOTOGRAVURA
DOUBLE'S
Entrega rápida
PREÇOS RAZOÁVEIS
RUA FREI CANECA, 383
TELEFONE 32-3721

SÓ VENCE QUEM TEM
FORÇA
SÓ VIVE QUEM TEM
SAÚDE



FORÇA E SAÚDE
COM
DYNAMOGENOL
É um produto do LABORATÓRIO SAN

Tônico dos velhos,
moços e crianças

18-2-1956

Feriado Romano

ANTES do mais, quero apresentar-me: sou Catulo, cidadão romano vivendo sob o consulado de Publius Caudatus e Manlius Cornutus (M. C. e M. C. consulibus). Tenho, como todo patricio de bom gosto, minha vila fora de portas e pretendo bem gozar hoje meu feriado. Vou dar-lhes contas de como o passei.

Levantando-me com o sol, a primeira coisa que fiz foi correr ao telefone, a chamar o motorista que me serve. Seu carro tem a placa V — IV — VI — VIII. Disquei:

Palatino IV — II — VI — IX — V — VII.

O serviço telefônico, como sempre, péssimo. Deram-me o número IV — II — IX — VIII — III — V. Reclamei, xingando a telefonista. Diana e Júpiter Capitolino. Consegui afinal falar ao bebedor do meu *chauffeur*: pas-sara a noite numa orgia e foi com língua pastosa

que me espondeu. Disse-me que tinha dado uma trombada com o carro e não podia transportar-me.

— E agora, velhaco?

— Acho bom o senhor chamar o Canecus Amassatus.

— Qual o número dele?

— Deixe ver.

Uma espera.

— Allô?

— Pronto!

— O número é I — II — VII — III — IV.

Desta vez fui mais feliz. O Canecus (era a alcunha que tinha) veio servir-me. Correndo sobre o asfalto da Via Appia, em breve transpus as portas da cidade.

Era minha intenção convidar Júlia a um passeio de carro antes de irmos ao Coliseu ver uma luta de gladiadores.

Foi o que fizemos, Júlia, sempre encantadora, alegando ter de pagar a modista, sacou-me de caminho nada menos de MDXXX sestércios, deixando-me preocupado com o dinheiro que me restava para o pagamento das despesas da buate à noite.

O espetáculo do Coliseu muito nos divertiu. A multidão, calculada em XXXCDVIII pessoas, urrava de prazer à vista dos terríveis golpes dos lutadores. Entusiasmo assim só vi no último

jogo do Aventinus versus Suburra, em que o primeiro venceu pelo *score* de VI a II. O futebol vai fazendo progressos em Roma.

Afinal ceamos e entre a ceia e a buate metemos uma seção de cinema. Filmes italianos, naturalmente. Um deles, histórico, contava-nos as lutas de César contra Pompeu, tivera o prêmio Oscar e fizera sucesso em Cannes, derrotando um americano e um russo.

Enfim, a noitada na buate. Júlia encharcou-se de uisque escocês feito aqui mesmo, num subúrbio de Roma; dançou como nenhuma e como nenhuma fez olho para os rapazes, nas minhas barbas. O que é um modo de dizer, porque, como os moços da cidade, uso a cara raspada. Isso não impediu que nos divertíssemos à grande.

Alta madrugada veio o cansaço e a nota. Eis o que gastei nesse dia, como bom patricio romano em dia feriado:

Automóvel, CLV sestércios.

Espectáculo MCCL.

Jantar MCCC

Cinema MCXXXIII (incluindo taxas).

Buate MMMDLXXX sestércios.

Se o leitor deseja saber o montante, é favor somar. Tenho para isso preguiça, muito sono e certa dor de cabeça...

J. Frazão

DR. PAULO PÉRISSE

Chelo S. Proct. H. Gafree Gusnie

VARIZES

suas complicações — úlceras, eczemas, inchações, etc.

Hemorroides sem operação
DOENÇAS ANO-RETAIS

Av. Rio Branco, 108-10°
Sala 1006

EDIFÍCIO MARTINELLI
diariamente das 14 às 18

Fones 28-4531 - 52-0251

ASSINATURAS

20

Careta

REGISTRADAS

6 (SEIS) MESES Cr\$ 90,00

1 ANO Cr\$ 180,00

Careta

Atuais e pretéritas

O "DIÁRIO DE NOTÍCIAS" moveu, há tempo, a *campanha* muito justa e muito bem conduzida contra as péssimas traduções de livros estrangeiros aqui editados por empresas que cometiam encargo de tanta responsabilidade a pessoas talvez bem intencionadas mas que não estavam à altura da missão.

Pois agora cai-lhe o raio em

casa. Eu, que ando de olho no tradutor da história do Processo Dreyfus, por ter lido naquele prestigioso diário a versão de títulos de jornais franceses: o *Jornalzinho* e *A Manhã* (*Le Petit Journal* e *Le Matin*) acabo de encontrar na mesma história novo escoregão do rapaz. Leio que Émile Zola era... um *escrivão*. Não me consta que o grande romancista haja sido um *clerc* antes de escrever os *Rougon-Macquart*. O

que sempre soube é que ele sempre foi, não *escrivão*, mas escritor e notável.

• ♦ •

Caso cuja revelação dá idéia cabal da profunda perversidade humana encontro-o citado por José de Ingenieros, o escritor argentino, em *A simulação na luta pela existência*. Conta ele ter ouvido, de pessoa fidedigna que assistiu a tudo, que médicos militares submeteram à prova de pontas de fogo, no total de 130 aplicações, um pobre surdo-mudo real, por supô-lo um simulador daqueles defeitos para eximir-se do serviço militar.

Ingenieros não informa onde e quando se deu o fato. É crível que na sua terra. Mas não é impossível que, com muitos outros idênticos, se tenha verificado por este vasto mundo de coisas in-críveis.

• ♦ •

Nosso grande Ruy Barbosa explicava por que tomara por pa-

drão a Constituição norte-americana ao elaborar o projeto da nossa Carta Magna. "Meu desejo", dizia ele, era ver o povo brasileiro, como o norte-americano inteiramente submetido ao domínio da Lei."

Infelizmente quem acabou dominando o Brasil foi o Arbitrio...

• ♦ •

Tivemos como presidentes da República homens graves, compostos, circunspectos, incapazes de quebra da linha exigida pelo seu alto posto. Ninguém imaginaria um Prudente, um Campos Sales, um Affonso Penna, um Rodrigues Alves arremangado, a fazer comícios eleitorais.

Florianópolis, parece-me, foi o primeiro discrepante, trocando pernas pelo Itamarati de pijama e chinelas, a pitar seu cigarro de palha.

O segundo foi um gaúcho de bombachas.

Depois veio esse incrível Ade-

mar de Barros, em mangas de camisa e de suspensórios. É verdade que não passou de candidato...

A seguir, o presidente Café Filho, fotografado para o país inteiro num apavorante pijama listrado, traje íntimo que não se coaduna muito bem com fotos de primeiro magistrado.

Agora é o atual presidente que, no dia da posse, anuncia à nação que na primeira manhã de governo vai se pôr em mangas de camisa no Catete, a trabalhar em benefício da Pátria...

Em mangas de camisa!

Não andar em que vão as coisas e deixar que seu sucessor advirta aos povos que vai inaugurar suas atividades governamentais em calção de banho. Mesmo porque, na posse, em Janeiro, não faltará a canícula.

E com o andar dos tempos...

Tudo é possível numa terra em que um deputado já se deixou fotografar de cuecas!

Zenóbio

PUDOR

Uma velha solteirona muito pudica volta de seu passeio matutino e empurra suavemente a porta da cozinha:

— Catarina — pergunta, imóvel na soleira da porta — será que o canário está tomando banho?

— Já o tomou, senhorita — respondeu a velha cozinheira — pode entrar.

CÁLCULO MENTAL

Noël Coward declarou numa roda de amigos:

— As mulheres têm verdadeira paixão pela matemática. Dividem sua idade por dois, dobram o preço dos vestidos que compram e acrescentam em geral cinco anos à idade de suas melhores amigas...

♦

O GRANDE JORNALISTA

Certo "jornalista", cujos artigos são escritos por outros, encontrou um amigo e perguntou-lhe:

— Espero que você tenha lido meu artigo que saiu hoje no jornal?

O outro, com sorriso malicioso, respondeu:

— Não. E você?

PETROLINA MINANCORA

CONTRA CASPA,
QUEDA DOS CABELOS E OUTRAS
AFECÇÕES DO
COURO CABEÇUDO
TÔNICO CAPILAR
POR EXCELÊNCIA

○ paradoxo



— Por incrível que pareça, D. Débora, não são as mulheres mais frias que conseguem ganhar os casacos de pele...

ORGULHO DO POSTO

ALTO, forte, musculoso, Antônio Barbosa Fagundes havia sido um dos alunos mais estimados da sua turma, na Escola Naval. Promovido a 2.º tenente, recebera a farda e as responsabilidades do posto como o prêmio mais honroso da sua vida. Fosse ele almirante e não exibiria com tanto orgulho, com tanta altivez, aquele galão do uniforme, passeando-o acima e abaixo, à tarde, pela Avenida, pelo Flamengo, pelo interior elegante das grandes casas de chá.

Bonito e moço, era natural que o 2.º tenente Barbosa Fagundes

gostasse de festas, de danças, de vida mundana. E como, nesta, o galanteio é tudo, não havia senhora, e mesmo senhora, que não tivesse ouvido os seus protestos de paixão:

A senhora é como o sol, — dizia a uma. — Quando a senhora sair da festa, a sala escurecerá!

Ou então:

— Eu era cego; principiei a sentir a luz no dia em que vi os seus olhos!

Durante quatro anos foi essa a tática do moço oficial. Louvando aqui, lisonjeando ali, poucas senhoras e mocinhas escaparam ao seu galanteio, e, mesmo, às suas

declarações de amor. E estava em pleno sucesso, nos salões, quando foi promovido, de súbito, a primeiro tenente.

Com mais um galão no punho, Barbosa Fagundes considerou-se ainda mais irresistível. Foi, pelo menos, com essa certeza, que compareceu ao baile de aniversário do comendador Matias Benigno, no qual estreou a sua farda nova, com toda a solenidade do novo posto.

Elegante e soberbo, impressionava com a sua figura. E foi sob o olhar cobiçoso das mulheres que, em certo momento, ao conduzir pelo braço, depois de um "fox-trott", a graça de Mlle. Irene Carneiro, susurrou, como de costume, ao ouvido da moça:

— Sabe? O meu coração tomou, de repente, aos seus pés...

Coradinha, nervosa, perturbada, a mocinha sorriu:

— Ora! A quantas moças o senhor não terá dito o mesmo?!...

— Eu, senhorita? — Fêz Fagundes, formalizando. — Eu?

O senhor, mesmo. Ainda o mês passado o senhor disse a mesma coisa à minha prima Leonor!



— Ah! — Exclamou o rapaz, atrapalhado. — Mas, isso não tem importância.

E com ênfase:

— Nesse tempo... eu era segundo tenente!

Humberto de Campos

O ÔVO DE COLOMBO

— Há vinte anos, nós, os chefes de família, para divertir os filhos, juntávamo-nos, alugávamos uma casa para os dias de Carnaval e aquilo saía em conta. Hoje, como a rapaziada o que quer é ir para fora, temos que aplicar o mesmo sistema, mas, em vez de alugarmos a casa, fretamos uma caminhoneta. Depois, despesa-se a despesa por todos nós e o compadre vai ver que sai barato.

Ao ouvir este projeto, o coração de Raimundo entrou no ritmo normal. Os seus olhos de comerciante iluminaram-se. Não havia dúvida alguma de que estava achado a solução do problema. Assim, ele poderia satisfazer os desejos da mulher e das filhas.

E, nessa noite, teve um sonho.

Estava-se na véspera de São João. Uma camioneta de quarenta passageiros deslizava, imponente, pela estrada Rio-Petrópolis.

Dentro dela doze chefes de família, com as respectivas proles, iam cantando alegremente.

Ao atravessar as povoações, os cânticos subiam de intensidade e a alegria comunicava-se aos habitantes que apareciam às portas, atraídos pelo barulho. Mas, à certa altura, uma campainhada forte e enérgica fez parar a camioneta.

— Que foi? — Perguntou o motorista.

— Sou eu, que preciso descer! — Respondeu Salema, lá do fundo.

E, muito encarnado, com os olhos inchados pela esforço que vinha fazendo havia meia hora, Salema desceu e foi, a correr, procurar uma moita que o pudesse encobrir.

Todos os passageiros compreenderam a situação. As moças lançavam umas risadinhas de troça. Os rapazes fizeram comentários camavalescos. D. Eufrosia tapou os olhos pudicamente.

E como os comentários e as risadinhas continuassem, enquanto Salema se conservava por detrás da moita, Raimundo, que até ali tinha estado em silêncio, falou a toda a camioneta:

— Não é nada disso que vocês estão pensando!

— Então, o que é? — Perguntaram, em côro, os passageiros.

— É o ovo de Colombo! Mas desta vez, o Salema não o põe em pé. Está a ver se consegue pô-lo noutra posição...

UMA ITALIANA VÊ A VIRGEM MARIA

Há poucos dias, multidão calculada em vários milhares de pessoas reuniu-se na praça da Catedral, em Reggio Emilia, na Italia, em torno de robusta e próspera quinquagenária, Senhora Rosa Sancini, que desde 12 de Julho de 1915 se declara favorecida por numerosas visões da Virgem Maria. Pela voz do bispo da diocese, Monsenhor Beniamino Socche, a Igreja contesta o milagre. Mais: para isentar-se completamente do caso, mandou guardar a basilica por caralhões. Nem Rosa nem a massa de fiéis que a segue pode penetrar no templo. Dêse modo, foi ao ar livre, nos degraus da escadaria da catedral, diante de milhares de testemunhas, que teve lugar o último encontro da Senhora Sancini com a Virgem. A "conversação" durou vinte e cinco minutos. Em certo momento ouviu-se a visionária perguntar em voz alta:

— Mas enfim, senhora, por que chora?

Depois de haver escutado a inaudível resposta, Rosa Sancini mostrou-se satisfeita:

— Obrigada... muito obrigada...

Em seguida, ela se queixou do ostracismo do clero:

— Aqui não se crê. É preciso ajudar-me a convencer os céticos.

Quando terminou o insólito diálogo, a visionária indicou no solo, para a multidão, o lugar exato da aparição.

— A Virgem — disse ela — estava aqui, diante de mim. Seus pés descalços repousavam sobre uma almofada de nuvens...

Logo numerosos fiéis, entre os quais abundavam doentes e aleijados, caíram de joelhos; um inglês, que foi especialmente de Londres a Reggio Emilia para encontrar a nova Bernadette, rezou durante três horas consecutivas.

Após essa espetacular demonstração, Rosa Sancini respondeu a um inquérito policial. As autoridades investigavam se a visionária cobrava pelas curas que praticava em muitas pessoas. Verificaram que não era o caso. Por isso os fiéis que não opõem a menor dúvida às aparições, esperam que a Igreja se renda à evidência dos fatos, argumentando:

— Se Pio XII viu Cristo, por que Rosa Sancini não podia ter visto a Virgem?



USE... FIXADOR

gumes

NÃO É GORDUROSO
SUBSTITUE AS BRILHANTINAS

ENCONTRA-SE A VENDA
NAS BOAS CASAS

E EM APLICAÇÕES NAS BARBEARIAS

Onde se fala de versos e de cachorros

QUANDO, já se vão tantos anos!, fiz minha primeira comunhão, tive de cantar em cântico, na solenidade, uns versos enaltecedores da hóstia sagrada:

*Que doce maná,
Que pão saboroso!
No mundo não há
Mel tão deleitoso!*

Reproduzo-os agora e me surpreendo de ainda os ter de cor.

Há versos assim. Há versos como êsses que, ouvidos na primeira idade, são como as marcas de ratapora: ficam para a vida.

Às vezes me detenho a esmiuçar o fenómeno: por que ficam, vivazes, em nossa memória, a tantas coisas mais preciosas rebeldes, certos versos abaixo de mediocres, que tão pouco nos impressionaram outrora? Em muitos casos foi esforço inútil. No da quadrinha cantada em cântico na cerimônia religiosa, porém, creio que não erro em responsabilizar pela sua persistência uma simples cacofonia: foi, sem dúvida, aquele *meltão*... E o *meltão* puxou o resto.

Pompeando as sebes de *figus* verde-gaio e os festões de ouro das acácias, meu bairro modorra, como um lagarto, sob a poeira fulva do sol. Os gritos intermitentes de uma distante araponga não chegam a pôr um arrepião no enorme silêncio da sesta.

E, de repente, na quietude da rua, levanta-se insólita algazarra. Que é, que não é, vou ver o motivo do alvoroço.

A rua ficou, como por encanto, um pátio de recreio escolar: um magote de crianças povoou-a, garotos que surgiram de portões, pularam de janelas, irromperam até do tapume do prédio em construção. E gritam, gesticulam, correm em todas as direções. Não tenho mais dúvida: é a *carrocinha dos cachorros* que apareceu numa esquina! É o veículo odiado das crianças, que lhes vem arrebatá-las, para o sacrifício, os amados companheiros das folganças, a carreta fatal já comparada por Arthur Azevedo à que levava à guilhotina as vítimas do Terror.

Aflitos, anelantes, desgrenhados, põem-se os meninos a apanhar seus cães que vagavam por aí, infringindo posturas e, em mal compreendido movimento de piedade, enxotou a páu, a pedra, a gritos os cães vadios, os cães sem dono, pondo, a uns e a outros, fora do alcance dos temíveis laçadores.

E quando chega a carrocinha, apenas com dois pobres vira-latas gafentos e resignados, é recebida com uma váia da garotada, sob as vistas complacentes das risinhas mããs.

A história prossegue, não aqui, mas nas notícias alarmantes de jornais, de repetidos casos de crianças mordidas por cães hidrófobos em vários bairros da cidade. E entre essas pequeninas vítimas, quantas não obstaram a ação dos laçadores da Prefeitura?

Sylvio Figueiredo

A SEGURANÇA SOCIAL DEIXA MUITO A DESEJAR

O Sr. Aime Texier, presidente da Federação Nacional dos Órgãos da Segurança Social Francesa, concedeu há poucos dias entrevista coletiva à imprensa, na sede da União dos Sindicatos F. O. S. O acontecimento mereceu destaque, porque o assunto desperta sempre o interesse geral e porque a Segurança Social promete aos jornais a oportunidade de informar objetivamente sobre o complicado assunto os seus leitores.

No curso da entrevista, o Sr. Texier dignou-se a dar alguns algarismos. Declarou, por exemplo, que as Caixas da Segurança Social de Paris e seus arredores, em número de duzentas, dispõem de 8.400 funcionários. A metade deles se ocupa em efetuar pagamentos aos segurados. O número de pagamentos se eleva de dia para dia à média de 41.000, absorvendo a soma global de 152.600.000 francos.

Soma apreciável. Mas se se levar os cálculos um pouco mais longe, verifica-se que essa soma é excessivamente modesta. Com efeito, para o dia de oito horas de trabalho, ela representa apenas o pagamento de três quartos de hora, o que está longe de satisfazer as necessidades dos operários e justifica as lamentações dos que formam as longas filas nos guichês do Sr. Texier.

Isto prova que a Segurança Social deixa muito a desejar em toda parte. Ao que nos consta, aqui está quase falida, não obstante a arrecadação estatística que realiza...

AS MAIS CURIOSAS NOTÍCIAS

Rhinclander (Wisconsin) — Detido por ter assaltado o sítio do Sr. Philip Richert, o antigo forçado Carl R. Thompson, de 31 anos de idade, evadiu-se da prisão e foi novamente preso no salão do Sr. Richert, ao qual visitou (alta noite, sem ser convidado) pela segunda vez.

Gagliano
NETO



Raul
LONGRAS

O HOMEM DO
"PIMBA"

NOVAMENTE EM AÇÃO!



SÁBADOS E DOMINGOS

SEMPRE GRANDES REPORTAGENS

em mais
uma grande
reportagem
esportiva
oferecida
pelos

- PETROLEO JUVÊNIA
- FIXADOR JUVÊNIA
- CREME DE BARBEAR
- WILLIAMS E AQUA VELVA
- LOÇÃO PARA A BARBA

É OUÇA DIARIAMENTE RÁDIO-ESPORTES MUNDIAL
DE SEGUNDA A SÁBADO ÀS 18:30 HORAS.
AOS DOMINGOS DAS 22:05 ÀS 22:30.

Rádio Mundial

PRA-3 - 860 Kds. Uma emissora da Organização Victor Costa

Vinol



COMBATE A ANEMIA